



INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Rio de Janeiro

SEXUALIDADE: DA PRÁTICA À TEORIA

DANIEL COSTA MATOS



Daniel Costa Matos

SEXUALIDADE:

Da prática à teoria

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
A inspiração para o livro	5
A roda de conversa	6
Do encontro ao livro	6
A APROXIMAÇÃO NECESSÁRIA ENTRE CIÊNCIA	
E SENSO COMUM	8
CONTO 1 – Homossexualidade	13
Para saber mais	17
Questões para reflexão	17
Discutindo o conto	18
CONTO 2 – Abuso sexual	21
Para saber mais	28
Questões para reflexão	28
Discutindo o conto	29
CONTO 3 – Masturbação	34
Para saber mais	39
Questões para reflexão	39
Discutindo o conto	40

CONTO 4 – Liberdade	45
Para saber mais	48
Questões para reflexão	48
Discutindo o conto	48
CONTO 5 – Sexting	54
Para saber mais	61
Questões para reflexão	61
Discutindo o conto	61
AGRADECIMENTOS	66

APRESENTAÇÃO

A inspiração para o livro

Este livro é o esforço investigativo de uma pesquisa de mestrado profissional realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro/IFRJ e representa uma resposta a inquietações que cresciam ao longo da vida profissional de um professor de Ciências no ensino fundamental. Comumente era questionado por alunos quando haveria aula de “sexologia”. A verdade é que as questões relativas à sexualidade constituem-se como assuntos proibidos em diversos ambientes. Na faixa etária em que meus alunos se encontram, as mudanças físicas e o aumento da libido trazem consigo muitas dúvidas. Era perceptível a falta de comunicação sobre o assunto entre pais e filhos. Na escola como um todo, a sexualidade é coibida, pois acredita-se que não seja o lugar ideal para lidar com esses tipos de questionamentos. Nas aulas de ciências, porém, o assunto deixa de ser tabu e vira conhecimento científico. Assim, muitos se sentem à vontade para fazer questionamentos diversos sobre sexo e sexualidade. Talvez seja um dos poucos ambientes onde eles se sentem confortáveis para lançar suas dúvidas.

O início da pesquisa mostrou que o assunto era muito mais amplo que as dúvidas de adolescentes. Para obter um resultado que não ficasse apenas na superficialidade, era necessário entender como o objeto de estudo se inseria no contexto apresentado para então planejar uma intervenção que fosse eficaz no que estava sendo proposto. Pensou-se em investigar como a educação sexual era trabalhada nos diferentes ambientes de ensino e como a concepção de professores sobre o tema poderia influenciar as ações educativas. Estudos sugeriam que a maioria dos profissionais que se propõem a realizar educação sexual fazia-no de acordo com suas concepções particulares sobre o tema. Dependendo do que o professor acreditasse, a educação sexual proposta poderia ser libertadora e emancipatória, contribuindo para o respeito e dignidade das mais variadas formas de manifestação da sexualidade, ou normatizadora e tradicional, através da valorização de um modelo único de sexualidade.

A roda de conversa

Quais concepções eram mais comuns? O que poderíamos aprender com a prática em sala de aula e como transformá-la de acordo com o que estava sendo produzido na literatura acadêmica? Eram os questionamentos que nortearam a realização do I Ciclo de Roda de Conversas do *campus* Mesquita/IFRJ realizada no dia 17 de agosto de 2017 cujo título era “Debatendo a Sexualidade na Escola”. Estavam presentes cerca de 40

participantes, com variadas formações, porém todos engajados na educação em espaços formais e não formais de ensino. A troca de vivências se deu de forma tão natural e orgânica que muitos sentiram-se completamente à vontade para compartilhar experiências em sala de aula, episódios da vida profissional e memórias particulares a respeito da sexualidade. Alguns temas haviam sido pensados antes do evento, mas durante sua realização, outros foram acrescentados e enriqueceram ainda mais a experiência.

Os temas que poderíamos destacar na roda de conversa versavam sobre como realizar educação sexual na escola, em que momento poderia acontecer essa intervenção, qual a idade ideal para iniciar conteúdos de educação sexual, as dificuldades na formação profissional para lidar com o tema, a sexualidade exacerbada dentro e fora da sala de aula, violência sexual, machismo, homofobia, transexualidade, masturbação, poligamia etc. Os participantes contribuíram grandemente com suas memórias, suas vivências e suas experiências.

Do encontro ao livro

Ao final de todo esse processo, pensamos em como poderíamos ajudar os profissionais a lidar melhor com algumas das questões mais comuns sobre a sexualidade. Escolhemos alguns depoimentos dos participantes e transformamos em contos. Assim, partindo da realidade prática, tecemos uma discussão com base na bibliografia teórica. Cria-se um aporte teórico para as dúvidas verdadeiras e episódios reais. A prática é resignificada pela teoria e nos ajuda a romper com estereótipos e concepções normatizadoras, contribuindo para uma visão emancipatória da sexualidade. Uma perspectiva que se abre às múltiplas representações da sexualidade e que valoriza as diferenças ao mesmo tempo em que busca a igualdade de direitos. Uma sexualidade que não é restritiva, mas abraça todas as formas de ser homem, de ser mulher, ou mesmo de ser algo entre esses dois extremos.

A partir da leitura do conto, algumas questões são lançadas para um debate mais aprofundado da história. São perguntas que foram pensadas como críticas ao comportamento exemplificado e servem para orientar o olhar do leitor. Em seguida, é apresentada a seção “discutindo o conto”, em que se comenta a inspiração para narrativa e são entrelaçados prática e teoria. Assim, utilizando o conhecimento científico, buscamos superar conceitos de senso comum que não convergem para a cidadania plena com liberdade e respeito às diferenças.

Costumo dizer que não existe nada mais frágil que a masculinidade. Se o homem faz a sobrancelha, deixa de ser homem. Se vai à manicure, é bicha. Se usar camisa rosa, é viado. Se passar química no cabelo, baitola. Se abraçar ou beijar o rosto de um amigo, se chorar, se gosta de filme romântico, se gosta de cozinhar, se passa hidratante, se faz

depilação, se gosta de dançar, se gosta de teatro, se escuta Anitta, Beyoncé, Lady Gaga, Mariah Carey, Cher, Britney Spears ou qualquer outra “diva”, torna-se irremediavelmente gay. Ou seja, que coisa frágil essa tal de masculinidade. E quantas concepções equivocadas as pessoas ainda reproduzem hoje em dia, não só sobre a heterossexualidade, mas sobre a homossexualidade, transexualidade e tantas outras formas de viver a própria sexualidade. E por isso é urgente que nos aventuremos nesse terreno tão obscuro e, muitas vezes, inóspito que é a cabeça das pessoas. Precisamos rever nossos conceitos e reaprender a lidar com a sexualidade. Precisamos dar o primeiro passo, pois assim se faz uma longa caminhada.

A APROXIMAÇÃO NECESSÁRIA ENTRE CIÊNCIA E SENSO COMUM

Durante séculos, a religião e a crença foram utilizadas pela humanidade como meio para buscar explicações às dúvidas, aflições e questionamentos. Tudo que não poderia ser explicado pela razão, era explicado pela fé. Por exemplo, poderia citar a teoria geocêntrica que viria elucidar o aparente movimento do sol ao longo do dia, fato experimentado por todos no planeta Terra. Tal teoria encontrava suporte na Igreja, pois segundo os clérigos, Deus criou o universo e posicionou o planeta Terra em seu centro.

Cientistas como Newton também se referiam a Deus. Talvez pelo contexto histórico da inquisição, talvez por professar sua fé. Porém, ao longo do tempo, a ciência e religião se distanciaram e, segundo Morin (1999), foi Laplace quem substituiu Deus dos cosmos e do domínio científico, afastando-se das explicações fundamentadas na religiosidade. De acordo com Chrétien (1994), a ciência, então, substituiu a religião e clarificou conceitos que eram obscuramente produzidos para explicar os fenômenos.

Segundo Boaventura de Souza Santos, o conceito de senso comum surge a partir do século XVII, por iniciativa burguesa de combate ao irracionalismo (SANTOS, 2000). Alves (2000) concorda com Santos e completa ao dizer que o senso comum foi criado por pessoas que julgavam estar acima do senso comum, como forma de diferenciar-se dos intelectualmente inferiores. Ao alcançar o poder, a burguesia torna esse conhecimento fruto do senso comum desvalorizado, significando um conhecimento artificial e ilusório.

Em certa medida, podemos dizer que o conhecimento do senso comum nasce do cotidiano. Morais (1988) diz que o senso comum provém da experiência comum das pessoas, das percepções, dos sentidos e da memória. É o ver, tocar e sentir que produz determinado tipo de conhecimento. No entanto, às vezes podemos realizar um falso julgamento ou inferirmos falsas conclusões a partir daquilo que acreditamos ter percebido. Para Cotrim (2002), o senso comum pode conter opiniões reproduzidas irrefletidamente no cotidiano, podendo esconder idéias falsas, parciais ou preconceituosas. De maneira geral, o senso comum não está submetido aos critérios de verdade ou falsidade, mas pela falta de “fundamentação sistemática”, ou seja, opiniões são recebidas e emitidas sem que se saiba o porquê ou o que significam. É um conhecimento acrítico no qual um indivíduo concebe como verdadeiro e definitivo, utilizando-o em sua prática cotidiana (COTRIM, 2002).

Já o conhecimento científico é crítico, organizado, prognosticador e geral. Procura bases sólidas justificativas claras e exatas, submete-se a uma série de testes, análises e controles que garantam a validade e veracidade de suas informações (SAITO e BROMBERG, 2010). Enquanto o senso comum é fruto de percepções cotidianas e da experiência comum, a ciência é produzida por meio de um experimento (ou experimentação) metodologicamente provocado e sistematicamente analisado.

Definir a ciência não é tarefa simples. Muitos teóricos passaram por essa questão sem alcançarem um ponto comum. Há basicamente três razões para que os filósofos da ciência se recusem a defini-la. Primeiramente, toda definição é restrita e incompleta. Há muitas coisas que podem ser deixadas de fora. Em segundo lugar, a complexidade do tema torna-se, por demais perigoso, uma definição limitante. Por último, a falta de acordo entre as definições e os cientistas (FREIRE-MAIA, 1998).

Segundo Morais (1988), a ciência é uma atividade cujo conceito é abstrato. O que se pode conhecer concretamente da ciência são os cientistas e seus resultados. Não se reduz a experimentos, pois é complexa e ampla. Antes mesmo do experimento, o pensamento científico se volta à idéia, às hipóteses e concepções prévias. A ciência é, assim como todas as iniciativas humanas, fruto de uma determinada cultura, inserida num determinado contexto histórico e temporal. A ciência não é neutra e nem sempre contribui para o bem estar social. Podemos citar, como exemplo, o enriquecimento do urânio para o desenvolvimento de energia nuclear que possibilitou, também, o desenvolvimento da bomba nuclear responsável pela morte de milhões de pessoas nas cidades de Hiroshima e Nagasaki. A ciência é, portanto, um empreendimento humano, fruto das expectativas da sociedade em questão em busca de respostas e novas tecnologias.

Sobre o desenvolvimento da ciência, Gaston Bachelar dizia que o conhecimento científico dá-se por sucessivas rupturas epistemológicas com o passado. Essa concepção traz implícita a idéia da divisão entre o senso comum, a ser superado, e o conhecimento científico. Segundo o autor, o senso comum é mera opinião e “a ciência, tanto por sua necessidade de coroamento como por princípio, opõe-se à opinião (...). A opinião pensa mal; não pensa: traduz necessidades em conhecimentos” (BACHELAR, 1996, p. 18). A opinião é o primeiro obstáculo a ser vencido pelo conhecimento científico. Desse modo, a ciência avançaria sucessivamente conforme retifica as teorias anteriores, aproximando-se, por fim, da verdade, ainda que não definitiva.

Em contraponto a Bachelar, Thomas Khun traz a idéia de que o desenvolvimento da ciência se dá em dois momentos distintos: o período da ciência normal, onde a comunidade científica em questão opera de acordo com o paradigma aceito, e o período de revolução, quando este paradigma é quebrado e substituído total ou parcialmente por um novo. Para Khun, o progresso da ciência baseia-se na revolução e não no acúmulo linear de descobertas, como diria Bachelar, tendo a comunidade científica papel central na construção e estabelecimento do conhecimento e não mais unicamente a prova experimental (KHUN, 1998).

Os períodos de revolução científica seriam representados por episódios de desenvolvimento não cumulativo do conhecimento, podendo durar um período de tempo curto ou longo. Durante o período de ciência normal existiria apenas um paradigma em que as metodologias amplamente utilizadas obtêm conclusões similares e convergentes ao conhecimento que tem sido produzido. Novos fenômenos, muitas vezes, podem nem ser vislumbrados durante esse período.

Ao analisarmos os avanços em torno das discussões relativas à Educação Sexual, podemos traçar um paralelo tanto com Bachelar quanto com Khun. O senso comum, combatido por Bachelar, tem criado concepções equivocadas e, muitas vezes, preconceituosas sobre a sexualidade, em especial à diversidade sexual. Nesse sentido, podemos nos questionar até que ponto as experiências pessoais e vivências cotidianas estão orientando os conhecimentos de senso comum, visto que o preconceito é um conceito anterior ao conhecimento. Por estar tão presente na sociedade, muitas vezes nos pegamos recorrendo ao senso comum para explicar fatos e situações, mesmo que sem fundamentação científica. Afinal, esta é a função do senso comum. No entanto, quando essas concepções são baseadas em preconceito, ou tem como consequência direta a limitação das liberdades individuais, devemos soar o alarme e ligar o sinal vermelho. Bachelar apontou para o senso comum como uma opinião que não pensa. Eis o motivo pelo qual é importante superar concepções equivocadas do senso comum. A ciência seria a ferramenta que possibilitaria tal ação.

A ciência já produzira conceitos variados em torno da sexualidade, corroborando os interditos elencados pela Igreja ao longo da idade média e contribuindo para que, hoje em dia, ela ainda seja encarada como tabu. Os malefícios da masturbação e da sexualidade infantil, o conceito da mulher histérica, a patologização da homossexualidade e a caracterização do impotente são alguns dos conceitos científicos que foram substituídos por novos conhecimentos. Em certa medida, podemos dizer que houve uma ruptura de conceitos anteriores, aperfeiçoando o que conhecemos da sexualidade. Contudo, como se deu essa mudança?

Talvez este seja o ponto onde as teorias de Bachelar e Khun mais se distanciam. Será que ocorreu um processo contínuo e progressivo de retificação das teorias anteriores, como sugere Bachelar, ou se desenrolou uma revolução do conhecimento científico, como afirma Khun?

Para realizar esta análise, devemos lembrar o que Khun escreveu em “A Estrutura das Revoluções Científicas”.

Alguns velhos problemas podem ser relegados para outra ciência ou declarados inteiramente ‘não científicos’. Outros que eram, anteriormente, não existentes ou triviais podem, com o novo paradigma, tornarem-se os verdadeiros arquétipos de uma realização científica significativa. E como os problemas mudam, o mesmo se passa, muitas vezes, com o padrão que distingue uma solução verdadeiramente científica de uma mera especulação metafísica, jogos de palavras ou matemático (KHUN *apud* SAITO e BROMBERG, 2010, p. 113).

Ou seja, a revolução no conhecimento científico com mudança de paradigma possibilita um novo olhar sobre a questão apontada, com alterações importantes nos critérios de avaliação da legitimidade dos problemas e das soluções propostas. O que antes era considerado a única explicação cientificamente possível poderia, com

alteração paradigmática, tornar-se palavras vazias, especulativas, sem efeito prático. E assim tem ocorrido com as explicações que eram comumente aceitas para fenômenos que envolvem a sexualidade. A mulher histérica era aquela cujo útero dominou o cérebro e, por consequência, possuía maior desejo sexual. A masturbação era causa de doenças na infância e idade adulta, conduzindo à fraqueza e poderia, inclusive, levar à morte. A homossexualidade era considerada uma animalia antífísica causada por uma criação imoral ou falta de relações sexuais normais. Já o impotente era um problema de ordem social, pois a reprodução era a principal função do casamento. Tais conceitos de fato soam como especulação metafísica. Não parece haver qualquer tipo de procedimento científico em suas elaborações. Dizemos isso porque o paradigma atual é diferente daquele à época.

A ruptura dos conceitos é tão grande que somente uma alteração completa na forma de se enxergar o problema possibilitaria a criação de novas hipóteses e explicações para tais fenômenos. Ao mesmo tempo, questões como a transexualidade, a igualdade entre gêneros, a fluidez do gênero e a identidade sexual eram completamente ignoradas. Não se trata de problemáticas novas, como se anteriormente eles não existissem, porém o paradigma da ciência normal antes aceito não era capaz de enxergá-los. É esta a revolução de paradigma que Khun se referia.

As mudanças de paradigma fazem os cientistas ver o mundo da investigação em que estão implicados de forma diferente. Na medida em que só podem recorrer a esse mundo através do que vêem e fazem, podemos querer dizer que após uma revolução os cientistas respondem a um mundo diferente (KHUN *apud* SAITO e BROMBENG, 2010, p.115-116).

A retificação de conceitos anteriores, como proposto por Bachelar, não é suficiente para explicar a explosão epistemológica em torno da sexualidade, pois muitas das questões sequer existiam como problemas científicos. Existiam sim, no cotidiano da população, porém talvez nem o senso comum fosse capaz de explicá-los. Na medida em que o paradigma foi sendo alterado e as novas questões foram vislumbradas, o senso comum tratou de elaborar suas hipóteses, afinal, é ele que visa explicar o mundo exterior. No entanto, de modo a evitar más concepções e julgamentos equivocados, devemos esforçar-nos para que as concepções científicas estejam cada vez mais presentes na sociedade. Santos (2002, p.57) afirma que “o conhecimento científico pós-moderno só se realiza como tal quando se converte em senso comum”, ou seja, quando o conhecimento científico está tão difundido que traduz-se em sabedoria de vida.

Esta é a missão do presente trabalho. Através das concepções dos docentes, acessaremos o que pode ser chamado de senso comum desse grupo em particular. Ao relacionar tais conceitos com o que os pesquisadores têm publicado na literatura científica, pretendemos costurar o tecido da realidade com as concepções científicas. Dessa maneira, talvez seja possível realizar essa aproximação tão necessária entre o conhecimento científico e o conhecimento do cotidiano.

Bibliografia

ALVES, R. *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras*. 2. ed. São Paulo : Loyola, 2000.

BACHELARD, G. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, p. 7, 1996.

CHRÉTTIEN, C. *A ciência em ação*. Campinas : Papyrus, 1994.

COTRIM, G. *Fundamentos da filosofia: história e grandes temas*. 15. ed. São Paulo : Saraiva, 2002.

FREIRE-MAIA, N. *A ciência por dentro*. 5. ed. Rio de Janeiro : Vozes, 1998.

KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MORAIS, R. de. *Filosofia da ciência e da tecnologia*. 5. ed. São Paulo : Papyrus, 1988.

MORIN, E. *O método 3: o conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre : Sulina, 1999.

SAITO, F.; BROMBERG, C. História e epistemologia da ciência. In: BELTRAN, MHR; SAITO, F.; TRINDADE, L. dos SP (Org.). *História da Ciência: tópicos atuais*. São Paulo: CAPES/Livraria da Física, p. 101-117, 2010.

SANTOS, B. S. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

_____. *Um discurso sobre as ciências*. 13. ed. Porto : Afrontamento, 2002.

CONTO 1



Oi. Eu sou a Mariana, ou Mari, se preferir. Tenho 18 anos e estou terminando o ensino médio. Eu queria alguns minutinhos para contar a vocês um pouco da minha história. Quem sabe o que eu vivi num sirva pra ajudar outras pessoas. Poderia ter acontecido com você, ou com sua filha, ou uma amiga, vizinha ou alguma conhecida.

Desde que nasci, eu me sentia diferente das outras crianças. Eu não sabia muito bem o que era, mas percebia que não me encaixava. Nunca fui muito fã de bonecas ou brincar de casinha. Mas mesmo sabendo de tudo isso, eu tentava me adaptar. Conforme eu fui crescendo, ficava cada vez mais difícil. As reuniões de família eram uma tortura à parte. Não bastava eu ser uma menina saudável, ter boas notas na escola, ter amigos e falar inglês. O que todos queriam saber era sobre meninos, namorados e coisas desse tipo. Eu me sentia péssima, como se eu só fosse alguém se tivesse um homem ao meu

lado. Ou um menino, nesse caso. Eu era boa em me esquivar dessas perguntas desagradáveis, mas era uma situação que me incomodava cada vez mais.

Ah! Minha mãe sempre foi a minha heroína. Eu tenho uma profunda admiração por ela. Meu pai saiu de casa quando eu tinha quatro anos e a deixou sozinha com a difícil tarefa de cuidar de mim e meus dois irmãos. Eu só consigo imaginar o sufoco que deve ter sido, mas ela nunca se deixou perceber desanimada ou desesperada. Mesmo sozinha, conseguiu superar as dificuldades e deu a melhor educação que eu poderia ter. Ela sempre foi e continua sendo muito batalhadora. Eu sei que é clichê, mas ela é meu porto seguro e parece que nada seria capaz de abalar sua força de vontade, sua confiança... Até que fiz uma revelação.

Para muitas pessoas, pode parecer que com dezesseis anos não temos maturidade suficiente para tomar decisões importantes que impactarão toda nossa vida, afinal, o que vimos da vida com essa idade? Porém, contrariando as probabilidades, eu tomei uma decisão muito importante e que já estava remoendo dentro de mim há muito tempo. Não mais me esconderia por trás de uma capa protetora de mocinha para que pudesse ser aceita pelos amigos, família ou pela sociedade. Profundo não é mesmo? Mas eu já estava cansada de fingir ser uma pessoa que eu não era. Foi então que eu me assumi homossexual. Essa palavra tão grande e tão pesada caiu como uma bomba lá em casa.

A minha mãe chorou. Eu chorei. Choramos juntas. Ela se culpava. Depois culpou a ausência de um pai. Por fim, me culpou. Eu tentei mostrar que num era culpa de ninguém, que eu nasci assim, que sempre sofri por tentar ser a filha perfeita que ela tanto queria. Que eu continuava a ser a mesma pessoa de sempre. Mas tudo isso era muito novo pra ela, criada seguindo uma educação muito rígida e conservadora dos meus avós. Ela não suportou a novidade e se calou. Assim ficou por quase duas semanas. Só falava comigo o necessário.

Eu fiquei destruída.

Por tanto tempo eu construí muros à minha volta. Vesti um personagem que eu não era pra deixar as pessoas felizes e fui capaz de levar essa fantasia até aquele fatídico dia. Eu pensei sinceramente que teria a liberdade para ser quem realmente era, sem máscaras nem mentiras. Pensei que isso me traria a felicidade. Mas a reação da minha mãe me fez pensar que eu havia feito uma grande besteira. Eu não estava feliz com aquela situação e não conseguia parar de pensar na decepção que eu causei à minha mãe. Isso me abateu de maneira tão forte, que não tinha mais forças pra estudar, pra sair, pra me divertir.

Minha mãe resolveu me levar ao psicólogo. Segundo ela, eu precisava de ajuda pra colocar as ideias no lugar, ou seja, deixar de ser gay. Logo que cheguei ao psicólogo eu contei o que estava acontecendo. Ele me ouviu, tentou me orientar, mas o que eu mais gostei foi escutar que eu não sou uma aberração, que eu não estou errada por ser quem eu sou. Eu só não estava feliz por não contar com o apoio da minha mãe. Bom, o psicólogo disse à minha mãe que homossexualidade não era doença para ser tratada e,

por isso, não havia cura. Mas que recomendava continuar as sessões com ela para que o processo de aceitação e desmistificação dos preconceitos em relação à homossexualidade pudesse ser feito. Eu achava que seria ótimo para ela, aliás, para nós duas. Mas ela ficou muito ofendida com a proposta. Houve uma briga feia e minha mãe saiu bufando e batendo o pé do consultório. E eu que, à princípio, não queria ir ao psicólogo, acabei achando alívio naquela conversa. Porém minha mãe não deixou que eu voltasse lá.

Pouco tempo depois, a minha mãe me chamou para sair. Não quis me dizer para onde, mas mesmo assim eu fiquei muito animada, pois iria sair com ela e finalmente teríamos aquela relação de companheirismo e cumplicidade de antes. Mas foi pura ilusão. Não demorou muito e chegamos ao nosso destino, a sessão do descarrego numa igreja evangélica. Eu murchei como um balão que perde o gás. Não conseguia esboçar nenhuma expressão. Segundo minha mãe, era pra tirar o encosto que estava em meu corpo. Eu relutei, mas fiquei. Queria mostrar que não havia encosto nenhum em mim. Foi uma tortura digna de filmes da guerra fria. O pastor ficou quase duas horas gritando e chamando o nome de uma infinidade de demônios. Eu chorei. Minha mãe achou que finalmente eu estava saindo do “transe psicótico gay” ou algo parecido, mas eu o fiz por perceber que minha mãe preferia pensar que eu estava com o demônio no corpo do que olhar pra mim de verdade.

Depois da sessão, me levou pra conversar com o pastor. Eu não sou contra nenhuma religião, mas aquilo não estava me ajudando. Pelo contrário, só fazia eu me sentir pior. Dizer que esse não é o propósito de Deus pra minha vida, que eu estou em pecado, que iria destruir o meu futuro, que eu era uma ameaça à família, à perpetuação da espécie humana e coisas do tipo geralmente são as piores coisas que se pode falar para qualquer homossexual.

Eu acabei me afastando de todo mundo. Se a minha própria mãe não me aceitava, a minha mãe, sabe, a mulher que me deu a vida. Se pra ela eu era uma vergonha, o que pensariam os colegas da escola, meus amigos do bairro, os vizinhos? Eu tinha certeza que seria completamente isolada, excluída do grupo, e por isso me adiantei e me auto-excluí. Antes que pudessem fazer qualquer coisa contra mim, eu mesma me afastei de todos. Não estava preparada para ser mais uma vez rejeitada por aqueles de quem eu mais gostava.

E assim minha vida seguiu um caminho completamente diferente do que eu havia previsto. Sem o apoio da minha mãe, sem o convívio dos meus amigos e sem esperanças. Não queria estudar, nem sair de casa, nem levantar da cama. Eu simplesmente não desejava aquela vida.

Foi nesse período que comecei a me auto-mutilar. Eu comprei uma lâmina na farmácia e fazia pequenos cortes no meu braço. Era tudo escondido. De alguma forma, aquela dor mascarava o verdadeiro motivo da minha infelicidade. Eu sabia que era errado, que aqueles cortes não resolviam o problema real e que deveria procurar ajuda,

mas eu não tinha forças. Quando eu via o sangue escorrendo pelo meu braço, eu lembrava que estava viva e que era forte o suficiente.

Um belo dia, na verdade nem tão belo assim, eu encontrei os remédios que minha mãe usava pra dormir. Sabe, daqueles que derruba até leão. Eu olhei para aquela caixa e pensei que ali poderia estar a solução dos meus problemas. Seria tão fácil simplesmente dormir e não acordar novamente. Não sentir mais essa tristeza que assolava meu coração. Deixar para trás toda essa existência que nunca deveria ter começado. Deixar de ser essa decepção tão grande para a minha família.

Eu já tinha visto na televisão e na internet alguns casos de jovens que tiram suas vidas por conta de não serem aceitos pela família e amigos. Na época achava exagero, mas agora eu estava vivendo isso. É aterrorizante. E mais perturbador ainda era perceber que o suicídio chegou a ser uma opção para mim.

Não! Eu não poderia aceitar isso. O suicídio não é uma opção.

Eu me sentia no fundo do poço que eu mesma cavei. Será que eu sou tão errada assim? Tantas pessoas que não se encaixam nos padrões e conseguem encontrar forças para continuar suas lutas dia após dia. Seria eu a errada dessa história toda? Por que logo eu teria que desistir de toda a minha vida por conta de um preconceito estúpido? Eu precisava reagir.

A primeira coisa que pensei foi conversar com alguém. Mande uma mensagem pelo celular para a Aline, minha melhor amiga. Ela visualizou a mensagem e nem me respondeu! Tentei a Julia, minha segunda melhor amiga. Ela me disse que estava ocupada naquele momento. Fiquei desolada. No dia seguinte elas nem me procuraram e eu percebi que já não eram tão minhas amigas assim. Isso acabou comigo. Eu agora não tinha nem minhas amigas para desabafar. Logo agora que tinha ganhado coragem.

Um dia eu estava no banheiro, me preparando para o banho, e minha mãe entrou. Eu gritei e me escondi no chuveiro, mas acho que ela viu as marcas da lâmina em meu braço. Ela fingiu que não viu, mas a reação foi bem evidente. Fiquei com mais vergonha ainda. Achei que ela fosse me dar um sermão, ou me levar à igreja novamente, mas não. Naquele momento ela percebeu algo que já estava explícito: eu precisava de ajuda. Talvez as feridas tenham mexido com ela, que parou então pra pensar em como eu era antes e como estava agora, triste, sem esperanças e sozinha.

Não demorou muito e minha mãe apareceu no meu quarto querendo conversar. Eu já estava esperando mais um sermão típico dela, mas dessa vez foi diferente. Ela estava com o olhar mais amável, mais carinhosa. Perguntou como estava na escola, eu disse que estava com dificuldades. Perguntou sobre os colegas, eu contei das minhas dificuldades. Abri meu coração, sabe. Ela tentou me consolar. Fez aquele cafuné que só mãe sabe fazer e aquilo foi incrível. Eu conseguia enxergar uma luz em meio a tanta escuridão. Ela finalmente tinha me enxergado e então parou de tentar mudar quem eu sou.

Algumas semanas mais tarde, próximo ao meu aniversário de 17 anos, aconteceu algo que mudou muito a minha vida. Minha mãe estava passando roupa e, do nada, ela me fala: “Minha filha, eu queria dizer que te respeito. Respeito quem você é. Não concordo, mas eu te respeito e te amo”. Você não imagina a felicidade que eu senti naquela hora. Eu não consegui conter e dei um mega abraço nela. Aquilo mexeu tanto comigo, que a partir daquele momento, eu poderia dar a volta por cima. E foi o que fiz.

Hoje eu tenho meu grupo de amigos na escola e sou aceita do jeito que sou. Minhas velhas amigas não me procuram mais, e nem eu a elas. Foi difícil superar, mas pensando bem, nunca foram minhas amigas mesmo. Amizade de verdade não acaba por qualquer coisa. E posso dizer que sou feliz. Eu tenho os melhores amigos do mundo! Irei me formar esse ano e já sei o que quero fazer no futuro. Irei cursar a faculdade de Psicologia, para poder ajudar outras pessoas que se sentem confusas como eu estava. Principalmente para ajudar a família dessas pessoas. É como dizem, a família é o nosso porto seguro. Se não temos seu apoio, fica difícil superar as dificuldades.

Para saber mais

Homossexualidades, homofobia e tentativas de suicídio em adolescentes LGBT

Autores: Fernando Silva Teixeira-Filho; Carina Alexandra Rondini Marretto

Família e homossexualidade: uma análise da violência doméstica sofrida por jovens homossexuais

Autor: Thiago Barcelos Soliva

Questões para reflexão

- 1 - Primeiramente, pense em um título para este conto. Tente sintetizar em poucas palavras do que ele trata.
- 2 - Você conhece alguém que tenha passado por algumas das situações mencionadas no conto? Fale um pouco sobre isso.
- 3 - Você acha que é comum as pessoas se esconderem por trás de capas para serem aceitas pela sociedade, amigos, ou até mesmo a família?
- 4 - Você concorda com o tratamento psicológico de homossexuais? Por quê?
- 5 - Você acha que Mariana deveria continuar freqüentando o psicólogo? Por quê?
- 6 - Você concorda com a frase “a homossexualidade é uma ameaça à família”? Por que?
- 7 - O suicídio entre os jovens homossexuais é cinco vezes maior que entre os heterossexuais. Qual a provável explicação para isso?
- 8 - Por que a mãe demorou tanto para “enxergar” a filha de verdade e aceitá-la como ela realmente era?

Discutindo o conto

Este conto tem como base uma história real, relatada por uma jovem durante a roda de conversa. Buscou-se preservar os principais fatos da história original, com o carinho e preocupação de humanizar as relações e tecer uma realidade que é comum à tantas meninas e meninos que se descobrem homossexuais. Como parte da discussão, trazemos algumas contribuições de estudiosos e teóricos da área. Esperamos contribuir para a ampliação de pensamentos que resvalam em reflexão acerca desse tema tão urgente e que já não é mais possível fingir que não vemos ou jogá-lo para debaixo do tapete.

Chama-nos a atenção o momento em que a jovem descobre-se homossexual. Desde bem cedo ela já se sentia diferente. E o que muitos chamam de opção, na verdade não é uma escolha. Ninguém para em determinado momento da vida e escolhe pela homossexualidade ou heterossexualidade. O que acontece é um descobrimento. Um momento em que se percebe diferente do que observa ser o esperado e então surge uma explicação para aquilo que se sente.

Luiz Mott (1998) é um dos teóricos que discordam da sexualidade como uma opção, pois a mesma não se constitui de uma opção individual, mas é o resultado de múltiplos fatores – biológicos, psicológicos e socioculturais. Visto que a homossexualidade é tão amaldiçoada e discriminada na sociedade ocidental judaico-cristã, ninguém “optaria” com naturalidade por essa vivência sexual.

Sullivan (1996) refere serem comuns entre homossexuais os casos em que não há uma opção pela homossexualidade, mas sim, um processo de reconhecimento e enfrentamento de algo que já é inerente ao indivíduo. Nesse sentido, concordam Fairchild e Hayward (1996) ao pontuar que muitos homossexuais se percebem diferentes desde a infância, mas só se definem e se consideram homossexuais quando sentem atração sexual por indivíduos do mesmo sexo. É nesse sentido que o conto encaminha a homossexualidade não como uma opção, mas sim como algo inerente à sua pessoa e à sua história, que foi se revelando naturalmente, a partir da percepção de diferenças em relação a amigas e colegas.

No entanto, o processo de auto-aceitação é não tão simples quanto parece. Por vivermos em uma sociedade heteronormativa altamente preconceituosa e discriminatória, há uma batalha interna entre aceitar as evidências ou reprimir seus sentimentos e viver a sexualidade da forma que a sociedade julga saudável. Fairchild e Hayward (1996) nos diz que a maioria dos homossexuais reprime seus sentimentos na tentativa de se moldar à sociedade. Nessa perspectiva, a auto-aceitação pode nunca se consolidar, corroborando o que Mott (1987) diz sobre serem poucas os/as homossexuais que conseguem a maturidade da auto-aceitação para revelar a sua orientação sexual para familiares ou colegas. Indivíduos que reprimem sua orientação sexual podem compor uma grande parcela da população, mas esta é uma hipótese que ainda carece de estudos mais aprofundados.

O conto apontou para a reação negativa por parte dos familiares diante da descoberta da orientação sexual da jovem. Mott (1987) enfatiza que poucas famílias aceitam e convivem bem com membros de orientação sexual homossexual, estando mais presentes a intolerância e o inconformismo. O autor ainda comenta que, para a grande maioria das lésbicas, a família acaba por se constituir, na maioria das vezes, uma das principais preocupações, como repressora ou como cobradora de compromissos heterossexuais.

As famílias atuam a partir da crença de que todos os filhos serão heterossexuais e crescerão segundo esse estilo de vida (SANDERS, 1994). A dissonância entre o projetado e a realidade pode ser fonte de conflitos que não serão facilmente dissolvidos sem mudança dos pressupostos da família. Um dos principais caminhos utilizado pelos familiares é recorrer à religião, uma vez que a psicologia não permite o tratamento de reversão de sexualidade. A resolução 01/99 do Conselho Federal de Psicologia (CFP) define que a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão, e estabelece normas de atuação para os (as) psicólogos (as) em relação à questão da orientação sexual. Já o discurso da igreja é de que a prática homossexual é pecaminosa e, por isso, é necessário arrepender-se e mudar o comportamento, adotando um padrão de vida heterossexual e constituindo família com esposa e filhos.

Goldfried e Goldfried (2001) sobre a necessidade de apoio e aceitação por parte da família na busca de qualidade de vida de *gays* e lésbicas. À medida que estes sentem que continuam sendo amados e protegidos pela família, os problemas sociais trazidos pela homossexualidade acabam sendo menos difíceis de enfrentar.

Outra questão muito preocupante levantada pelo conto é a auto-mutilação e ideias suicidas. Alguns autores como Birkett et al. (2009) e Bontempo & D'Augelli (2002) apontam a ideação suicida como consequência após a vitimização. Muitos jovens que se descobrem homossexuais precisam lidar com uma carga emocional elevada advinda de preconceitos, agressões físicas e morais e discriminação no ambiente escolar. Quando a família não provê o apoio necessário para lidar com essas situações, os ideais suicidas vêm à tona. Um retrato infeliz da nossa herança cultural e de uma sociedade que vê a homossexualidade como maldição. Abolir concepções preconceituosas e construídas sobre bases da segregação e superioridade heteronormativa são pontos importantíssimos que devemos partilhar em nossa sociedade. Para além de uma questão social, é matéria de felicidade para cada um dos muitos destoantes da norma. Possibilita-se, assim, a auto-aceitação e um caminho de liberdade para o exercício da sexualidade de forma livre, sem as amarras da censura do preconceito.

Analisando a temática do conto, percebemos que o fio condutor é a relação familiar exemplificada através do relacionamento mãe e filha, em especial a dificuldade em aceitar a homossexualidade no círculo familiar. Goldfried e Goldfried (2001) dissertam sobre a necessidade de apoio e aceitação por parte da família na busca de qualidade de vida de *gays* e lésbicas. Segundo os autores, à medida que estes sentem-se que ainda são amados e protegidos pela família, os problemas sociais advindos da revelação da homossexualidade acabam sendo menos difíceis de enfrentar. Strommen, citado por Goldfried e Goldfried (2001), enfatizou que os pais passam por diferentes fases em seu processo de aceitação da homossexualidade dos filhos, sendo que a última delas, após a superação do luto pela identidade heterossexual do/a filho/a, seria a aceitação completa, sendo ele/a quem é e da forma que é. Contudo, o tempo necessário para completar este processo pode variar entre os diferentes indivíduos do grupo familiar. É comum que familiares incitem a auto-anulação da identidade homossexual numa tentativa de reaver os sonhos e planos futuros decorrentes da identidade

heterossexual. Um quadro que se altera quando há reorganização de valores e expectativas, constituindo-se no primeiro passo para a aceitação da identidade homossexual.

Por fim, gostaria de enfatizar a importância dessa temática, que vai além da reprodução da espécie. Quando negamos direitos aos homossexuais, reforçamos estereótipos, reforçamos o machismo, o sexismo, a misoginia e alimentamos preconceitos e atitudes discriminatórias. O casamento entre indivíduos do mesmo sexo não irá acabar com a família. Pelo contrário, irá torná-la ainda maior! Em 2017, éramos 7,6 bilhões de pessoas em todo o planeta, segundo relatório da Organização das Nações Unidas (ONU, 2017). A projeção é de que em 2100, totalizaremos 11,2 bilhões de pessoas. Não parece que a espécie humana esteja sendo ameaçada de extinção pelos homossexuais. Sejamos sensatos.

Bibliografia

BIRKETT, M.; ESPELAGE, D. L.; KOENIG, B. LGB and questioning students in schools: The moderating effects of homophobic bullying and school climate on negative outcomes. *Journal of youth and adolescence*, v. 38, n. 7, p. 989-1000, 2009.

BONTEMPO, D. E.; D'AUGELLI, A. R. Effects of at-school victimization and sexual orientation on lesbian, gay, or bisexual youths' health risk behavior. *Journal of Adolescent Health*, v. 30, n. 5, p. 364-374, 2002.

FAIRCHILD, B.; HAYWARD, N. *Agora que você já sabe: o que todo pai e toda mãe deveriam saber sobre a homossexualidade*. Rio de Janeiro: Record. 1996.

GOLDFRIED, M. R.; GOLDFRIED, A. P. The importance of parental support in the lives of gays, lesbian and bisexual individuals. *Psychotherapy in Practice*, 57(5), 681-693. 2001.

MOTT, L. *O lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1987.

MOTT, L. Educação sexual e o jovem homossexual. In: *Perspectiva: Revista do centro de ciências da educação*. Florianópolis: Editora da UFSC, ano 16, nº30, p. 57-88, julho, 1998.

ONU, Relatório. *Perspectivas da População Mundial: Revisão de 2017*. 2017.

SANDERS, G. O amor que ousa declarar seu nome: do segredo à revelação nas afiliações de gays e lésbicas. Em E. Imber-Black (Org.), *Os segredos na família e na terapia familiar* (pp. 219-244). Porto Alegre: Artes Médicas. 1994.

SULLIVAN, A. *Praticamente normal: uma discussão sobre o homossexualismo*. São Paulo: Companhia das Letras. 1996.

CONTO 2:



Jenk

21

O ABUSO

Glória era uma menina agitada, adorava brincar com seu irmão mais velho, João, com o qual vivia as maiores aventuras. Um dia era princesa que precisava ser resgatada, no outro dia era ajudante de pirata, e no outro uma bailarina em apresentação. Juntos, aprontavam todas e deixavam seus pais, Maria e Sidney, com os cabelos em pé.

Era um dia de sol, como muitos daquele verão de 1986. Glória, com seis anos, brincava sozinha no quintal de casa. Seu irmão estava na escola, então o jardim era seu universo particular. Com sua roupa de branca de neve, conversava com os sete anões imaginários à sua volta. Foi aí que um homem, de mais ou menos 45 anos, a chamou pela cerca que protegia a casa.

- Oi menininha. Tudo bem? O tio tem um presentinho pra você. Uma balinha de coco. Você quer? Vem aqui pegar.

Glória conhecia bem a história da branca de neve, no entanto não imaginou que aquela bala de coco poderia ser sua maçã envenenada. Não conhecia a maldade do mundo, apenas escutava nas histórias que sua mãe contava antes de dormir. Ela então levantou e correu em direção ao estranho desconhecido que lhe parecia um gentil cavalheiro.

- Você quer um sorvetinho? O tio compra pra você. Quer?

Glória acenou que sim com a cabeça. Adorava sorvete, ainda mais naquele dia tão quente. Sem avisar a seus pais, abriu o portão e acompanhou o homem.

- Isso, minha princesa. Muito bem. Você está linda nessa roupa. Que tal a gente buscar o sorvete na carruagem do tio, hein? Entra aqui comigo. Uma princesa linda como você precisa de uma carruagem. Entra aqui no carro com o tio pra gente ir mais rápido.

Sidney, que estava na sala vendo o noticiário na tv, vez ou outra olhava para Glória no quintal através da janela, até que, de repente, a filha havia desaparecido.

- Glória! Glórinha!! Cadê você? Papai veio brincar com você!

Sidney viu o portão aberto e correu para a rua, à procura da filha. Perguntou aos vizinhos. Nenhuma resposta. Olhou pelo muro das casas e nada. Subiu e desceu a rua, desesperado. Pensara que sua filha havia sido seqüestrada e que era tudo sua culpa.

De repente, ouviu um choro de criança abafado. Parecia vir de dentro de um carro. Ao se aproximar, percebeu que aquela forma obscurecida pelo vidro fumê, era sua filha. Tentou abrir a porta, sem sucesso. Com o punho fechado e em desespero, esmurrava o vidro da porta. Gritava e pedia ajuda à quem estivesse perto. Tentara abrir, mais uma vez, a porta e se pôs à frente do veículo. O homem, acuado e nervoso, abriu as portas do carro. Sidney, num só movimento, puxou Glória pelo braço e a segurou com todas as forças em seu colo.

- Ela estava sozinha na rua. Achei que estivesse perdida. Iria levá-la à delegacia mais próxima. O senhor é o pai? – Tentou explicar o estranho.

- O que você está fazendo com minha filha? Eu que vou chamar a polícia, seu abusador de crianças. Você é um pedófilo!

- Eu, pedófilo? Não senhor. Como expliquei, eu estava apenas ajudando.

Sidney deixa a pequena Glória na calçada e parte para cima do homem. Sem conseguir controlar sua raiva, desferiu um soco no rosto do abusador, que caiu na calçada com a boca suja de sangue.

- Se você voltar por aqui eu juro que acabo com a sua raça. Seu pedófilo safado. Melhor correr se num quiser apanhar mais! – Ameaçou Sidney, depois de ser contido por vizinhos.

O homem imediatamente entrou no seu carro e saiu em disparada.

Glória estava assustada, chorando copiosamente. Sidney tentou consolá-la. Ao chegar a casa, a mãe não acreditava em tudo que havia acontecido. Estava assustada e não sabia como lidar com aquela situação. Tampouco sabia Sidney. Os dois combinaram de nunca mais falar sobre aquele episódio. Porém, Glória não esqueceria assim tão fácil. Sentia-se mal, dolorida, culpada.

A rotina da casa havia mudado. As brincadeiras que antes eram livres, agora seguiam vigiadas constantemente. Ela nem gostava mais de brincar com seu irmão. Qualquer toque mais forte em Glória já criava um desconforto nos pais. As visitas não podiam mais abraçá-la ou beijar suas bochechas. A simples aproximação de estranhos deixava a pequena incomodada.

O casal não estava preparado para aquela situação. A forma que encontraram para tentar lidar com aquilo foi afastar qualquer sinal de sexualidade na casa. A menina chorava muito cada vez que tinha que se despir para lavar-se. A mãe fechava a cortina para que nem ela própria pudesse vê-la nua. Glória era “protegida” de qualquer possível sinal de sexualidade. Dessa maneira, seus pais achavam que estavam ajudando a filha, mas Glória cresceu e as cicatrizes não foram totalmente fechadas.

Era o ano de 1994. Brasil acabara de tornar-se tetracampeão da copa do mundo. Glória, com quatorze anos, conversava com suas amigas sobre garotos.

- Ah, o marquinho é o menino mais lindo da sala. O que você acha, Glória?

- Eu?! Ah, num sei Jéssica. Eu não o acho tão bonito assim. Acho que você está é de fogo. Isso sim!! Hahaha

Todas começam a rir. Jéssica responde:

- Hahaha. Isso também. Mas ele é lindo! E eu fiquei sabendo que o Carlos falou pro Marquinhos que te acha gatinha.

Glória não conseguiu esconder sua vergonha. Encolheu-se toda como uma tartaruga em seu casco.

- Luana, você me ajuda a falar com o Carlos para ele e a Glória saírem juntos?

- Ótima idéia, Jéssica! Vamos falar com ele!

- Não, por favor! Eu imploro a vocês. Eu não quero. Além do mais, ele é mais velho.

- O que tem de mais, Glória? É só um encontro. Se não gostar, não saem mais.

- Não sei meninas. Não me sinto a vontade. Prefiro não.

- Então está bem. Você que sabe. Luana, você me ajuda a falar com o Marquinhos? Eu acho que ele está caidinho por mim!

E assim, Glória se esquivava mais uma vez da “operação cúpido” de suas amigas. Sidney e Maria pensavam que sua filha era nova demais para namorar e, por isso, achavam que estava tudo bem. Glória não se recordava mais do que acontecera em sua infância, no entanto, algo estava sempre impedindo qualquer aproximação dos meninos de sua idade.

Não demorou muito tempo e suas duas amigas estavam namorando. De vez em quando saíam todas juntas: Jéssica e Luana com seus respectivos namorados, e Glória, sozinha.

Quando fez 15 anos, Sidney e Maria prepararam uma festa para os amigos mais próximos de sua filha. As amigas foram todas convidadas junto com seus respectivos namorados. Carlos também estava lá. Glória, que sempre evitou os meninos, começava a se sentir estranha por ser a única das amigas que nunca havia sido beijada.

- Amiga, hoje você deixa de ser “boca virgem”, ou eu não me chamo Jéssica.

- Ah, num sei não. Será? Quem vai querer me beijar?

- O Carlos, ora! Ele ainda é caidinho por você.

- Ai amiga, mas tem tanta gente na festa. Não me sinto a vontade.

- Deixa comigo que eu dou um jeito.

Em certo momento, Jéssica fez um sinal à amiga apontando para Carlos, que havia ido à cozinha. Os lábios da amiga gesticulavam “Vai lá! Vai lá!”. Glória assim o fez.

- Oi Glória. Tudo bem? A sua festa está ótima. - Disse Carlos.

- Ah, obrigada. – Respondeu Glória, com timidez.

- Você está muito bonita. Carlos avançou, com a mão acariciando seu braço.

Glória sentiu um arrepio na hora. Mas não foi um arrepio bom. Pelo contrário, foi uma sensação de horror. Sentia-se sufocada. A respiração ficou ofegante e seu coração palpitava. Quando o menino se aproximou ainda mais para beijar-lhe o rosto, Glória saiu correndo para o banheiro e se trancou lá dentro.

Não entendia o porquê daquela reação. Apenas chorava do pavor que havia sentido. Lavou seu rosto na pia, enxugou suas lágrimas e, após alguns minutos, conseguiu se recompor. Voltou para a festa, onde todos a esperavam para cantar parabéns. Mas para Glória, a festa já havia acabado.

Em outro dia, no vestiário feminino após a aula de Educação Física, suas amigas perguntaram se ela havia beijado.

- E ai Glória, perdeu a boca virgem?

- Ah, meninas, não foi dessa vez. Eu num sei o que aconteceu comigo. Eu me senti mal. Sai correndo.

Jéssica e Luana riram.

- Deu dor de barriga bem na hora? Não acredito! – Disse Jéssica.

- Vai ter que mudar de nome hein, Jéssica! – Diz Luana.

- Deixa isso pra lá! Oh Glória, você não vai trocar de roupa não?

- Ah, não. Eu num gosto de tirar a minha roupa na frente de outras pessoas. Desde pequena sou assim. Num sei porquê.

- Ora, que besteira! Não tem nada demais. Anda, troca essa roupa! Vai voltar fedendo pra aula de Biologia? – Diz Jéssica, já levantando a camisa da amiga.

- Não! Não! Deixa. – Responde Glória, abaixando a camisa. – Eu trouxe desodorante e um perfume aqui. Vocês sabiam que os franceses só tomam quatro banhos por mês? Mas com perfume, ninguém percebe!

- Não sei disso não. Só não quero ninguém fedendo do meu lado!

Um belo dia, Carlos convida Glória para o cinema assim que acabasse a aula. Ela aceitou. Os dois tiveram um belo dia. Viram o filme de mãos dadas. Ela apoiou a cabeça no ombro dele. Carlos havia entendido que, com Glória, teria de ser mais devagar. Mas ele realmente gostava dela e estava disposto a caminhar no seu ritmo.

Glória não entendia o porquê de se sentir tão desconfortável com o toque e aproximação dos meninos. Achava que era tímida e, desde sempre, foi criada com muita rigidez com relação à sua sexualidade. Nunca tivera uma conversa sobre isso com seus pais e, com suas amigas, elas pareciam estar muito mais avançadas. Não entenderiam o que se passava em sua cabeça.

Quando tinha treze anos, nas aulas de ciências sobre o corpo humano, achava-se muito nova para entender a sexualidade, apesar de todas as suas amigas já estarem super à vontade com aqueles nomes. Porém, agora com 15 anos, parecia entender que havia algo diferente com ela. Esperava tirar suas dúvidas na aula de biologia, com a professora Helena.

- Professora, é normal uma pessoa não gostar de sexo?

- Olha, Glória, a aula de hoje é sobre as proteínas. Guarda sua pergunta pro momento certo.

- Está bem, professora. – Respondeu, desanimada.

Algum tempo depois, Glória insistiu:

- Professora, hoje é aula de que?

- Sistema hormonal. Testosterona, estrogênio e vários outros. Por que?

- Eu queria saber se é normal alguém não gostar de sexo.

A professora, incomodada e desconcertada com a pergunta, disfarça:

- Ah, esse pergunta. Olha, guarda ela pra quando a gente falar de órgãos reprodutores.

Glória, mais uma vez, ficou sem resposta. Até que chegou a aula que a professora prometeu responder sua pergunta. Após expor o conteúdo, a professora pergunta.

- Então é isso. Alguém tem uma pergunta?

- Professora, eu tenho uma prima que diz que ela não gosta de sexo. Não gosta que toquem nela, nem se sente a vontade quando está só com algum menino. É normal isso?

A professora não sabia muito bem como responder. Não se sentia a vontade para falar outros assuntos que estivessem fora da biologia.

- Olha, Glória, não posso me meter nesses assuntos de família. Eu acho melhor você falar com sua prima pra ela procurar os pais dela, ou, de repente um psicólogo. Eu num posso te dizer nada sobre isso.

Glória, que há muito tempo queria alguma explicação pro que sentia, sentiu-se frustrada com a resposta da professora.

O tempo passou e Glória foi ganhando confiança em Carlos. Os dois se encontravam bastante. Sempre voltavam da escola juntos. Um dia, pararam na praça para tomar sorvete e, finalmente, deu seu primeiro beijo. Os dois começaram a namorar. Parecia que tudo estava entrando nos eixos.

Anos depois, já adulta, Glória desenvolveu uma síndrome do pânico. Simplesmente não conseguia sair de casa. Ela, que havia se formado em pedagogia e lecionava para a educação infantil, não conseguia mais dar aulas por conta de seu quadro clínico. Fazia sessões com o psicólogo para superar essa doença.

Como parte do tratamento, o psicólogo procurou investigar a origem de tudo. Foi então que os pais de Glória foram convidados para uma sessão. O objetivo era entender tudo que se passou na vida da paciente, desde sua infância.

- Seu Sidney, dona Maria, a Glória me relatou que sofre de síndrome do pânico. Geralmente essa síndrome é um sintoma de alguma coisa que está guardada, um desconforto subconsciente. Eu pedi que viessem para que pudessem me ajudar a entender como foi a infância da Glória. Como foi a criação da filha de vocês? Por acaso teria acontecido algo de que ela não se lembre?

- Ah, doutor. A Glória sempre foi uma espoleta. A gente tinha muito trabalho com ela e o irmão. Os dois brincavam muito juntos. E brigavam muito também. Respondeu Maria.

- Mas teve algum evento diferente do comum? Algo que possa tê-la marcado?

- Assim, teve um dia, eu prometi que nunca mais falaria disso, mas acho que se o senhor está perguntando deve ser importante – Maria segurava a mão de Sidney, buscando apoio – A Glorinha devia ter uns seis anos, né bem? É isso mesmo, seis anos. Ela foi levada pra dentro do carro por um estranho, um cara que passou na rua. Se não fosse o Sidney aqui, poderia ter acontecido algo terrível, mas graças a Deus não deu tempo.

- Huum. Entendi. E como foi que vocês reagiram a isso tudo? O que vocês fizeram depois?

- Ah, doutor, a gente não sabia muito bem o que fazer. A Glória chorava muito, num gostava de tirar a roupa pra tomar banho, ficava assustada com as pessoas estranhas. Então a gente tentou protegê-la. Afastamos tudo que pudesse lembrá-la desse dia. E graças a Deus ela esqueceu, Não se lembra mais de nada.

- Não se lembra, mas sofre até hoje com isso. Eu não tenho dúvidas. Que bom que vocês vieram. Eu sei exatamente o que fazer para ajudar a filha de vocês. Obrigado!

Assim, o psicólogo pôde ir à origem do problema. Glória, que não se lembrava do acontecido, fez o tratamento e recuperou sua memória. De repente, toda a vida dela fazia mais sentido, todos aqueles sentimentos que ela não sabia de onde viam tiveram sua origem desvelada. Foram necessárias algumas sessões para superar a síndrome do pânico, mas Glória decidiu continuar o tratamento para curar completamente as feridas do abuso sofrido na infância.

Depois de entender tudo que acontecera em sua vida, Glória estava determinada a trabalhar para evitar que situações como a que aconteceu com ela não se repetisse mais. Por isso, ela buscou estudar o assunto e, todo ano, prepara uma aula especial para seus alunos em que discutem vários aspectos da sexualidade de meninos e meninas. Glória tenta, também, conscientizar os pais a discutir com seus filhos sobre o que é sexo e sobre as diferenças entre o carinho que devemos ter com as pessoas e com adultos.

Sabemos que parece mais fácil esquecer as coisas ruins que nos acontecem e fugir do problema. Mas nem sempre o mais fácil é o mais adequado. E por mais difícil que seja, buscar ajuda e enfrentar uma dificuldade pode libertar muito mais que

simplesmente varrê-lo para debaixo do tapete. Infelizmente, Glória não teve a ajuda correta quando foi necessário. Tudo isso desencadeou vários problemas ao longo da sua vida. Ainda hoje, muitas meninas e meninos sofrem com abuso sexual na infância e adolescência. Devemos agir não só no tratamento das vítimas, mas investir também na prevenção. Falar de Educação Sexual em sala de aula não é ensinar sobre sexo, mas ajudar o aluno, como um pequeno cidadão, a se preparar para a vida, a diferenciar o comportamento próprio de crianças entre si, crianças com adultos e adultos entre si, a respeitar a si próprio e ao outro, mesmo (e principalmente) se ele for diferente.

Para saber mais

Família e abuso sexual: silêncio e sofrimento entre a denúncia e a intervenção terapêutica

Autores: Liana Fortunato Costa; Maria Aparecida Penso; Beatriz Rossatto Rufini; Josimar Antônio de Alcântara Mendes; Natalia Ferreira Borba

Dados demográficos, psicológicos e comportamentais de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual

Autores: Antonio de Pádua Serafim, Fabiana Saffi, Maria Fernanda Faria Achá, Daniel Martins de Barros

Questões para reflexão

- 1 - Em sua opinião, o que os pais de Glória poderiam ter feito para evitar que sua filha fosse abusada sexualmente?
- 2 - Você concorda com as atitudes dos pais de Glória para lidar com o incidente? Por quê?
- 3 - Qual seria a melhor forma de lidar com um abuso sexual na infância?
- 4 - Você acha que as amigas de Glória poderiam tê-la ajudado? Por quê?
- 5 - Grande parte dos professores não se sente confortável para discutir assuntos que fogem dos conteúdos canônicos de sua disciplina. Um exemplo foi a professora de Biologia do conto que não soube dar uma resposta à dúvida de Glória. Nessa situação, você acha que a escola poderia ter ajudado melhor à personagem da história?
- 6 - De que forma a Educação Sexual desde a base poderia ter auxiliado Glória a evitar ou superar o episódio vivido na infância?

Discutindo o conto

O conto acima, inspirado em um depoimento real, nos traz diferentes épocas da vida da personagem. É possível acompanhar o desenrolar de um episódio ocorrido na infância e que reverberou em efeitos múltiplos no desenvolvimento psicológico da personagem central do conto.

Estudos realizados em diferentes partes do mundo sugerem que, aproximadamente, 7,4% das meninas e 3,3% dos meninos já sofreram algum tipo de abuso sexual (PFEIFFER e SALVAGNI, 2005). No entanto, o número real é desconhecido, visto que muitas crianças não revelam o abuso, somente conseguindo falar sobre ele na idade adulta. A literatura científica aponta que crianças e jovens vítimas de abuso sexual costumam apresentar sintomas como transtorno de ansiedade, sintomas depressivos e agressivos, distúrbios alimentares, além de prejuízos cognitivos, emocionais, comportamentais e sociais como, por exemplo, medo, perda de interesse pelos estudos e pelas brincadeiras, dificuldades de se ajustar, isolamento social, déficit de linguagem e de aprendizagem, fugas de casa, ideias suicidas e homicidas, automutilação e agressividade.

Decidimos por apresentar alguns dos sintomas acima mencionados para manter uma narrativa mais concisa ao mesmo tempo em que respeita o depoimento original da vítima. Porém, julga-se absolutamente necessário que sejam mencionados todos os possíveis desenrolares que podem ocorrer na pessoa que sofre o abuso sexual na infância.

Obviamente nenhum responsável gostaria de ver seu filho ou filha passando por uma situação dessas. Porém é necessário buscar o preparo para o enfrentamento. No conto, percebemos que a atitude dos pais após o abuso foi a de negação do fato seguida de proteção exagerada em torno da filha. Em nenhum momento foi conversado o que se passou, ou buscou-se orientação de um profissional. A solução escolhida foi fingir que nada aconteceu, nunca tocar no assunto e retirar qualquer sinal que pudesse lembrar à filha do episódio, ou seja, retirou-se qualquer referência à sexualidade. O relato da vítima traz outras informações sobre as atitudes dos pais como, por exemplo, fechar o Box do banheiro enquanto se despia, era banhara e enxugada para que nem mesmo os pais pudessem vê-la nua. Conforme crescia, a ferida foi se aprofundando, reverberando em sua vida social e afetiva. O silêncio é a pior solução para o problema, porém é frequentemente a escolha mais comum para o enfrentamento de situações delicadas como a de um abuso sexual. No entanto, por mais doloroso que seja, é necessário encarar com coragem, responsabilidade e carinho. É preciso cuidar para que não venha a ser uma ferida crônica. Reprimir não alivia a dor.

Quando analisamos os relatos de outras vítimas de abuso sexual, percebemos um ponto em comum: O isolamento se faz constante em suas vidas. Se por um lado, sofreram invasivas com a violência praticada, por outro sofrem pelo afastamento, silêncio, incompreensões e julgamentos avessos da sociedade. Tal fato merece um debruçar que repense essa questão, pois ela influencia, diretamente, a vida dos sujeitos que poderão levar essa marca e talvez, nunca se desfazerem dela. Por isso, diálogo e compreensão devem configurar atos de aproximação, alteridade e respeito pelas dores e feridas dos outro (ADED et. al., 2006; HORONOR, 2002; ZAVASCHI, et. al., 2002;

WHIFFEN e MACINTOSH, 2005; PASSARELA, MENDES e MARIL, 2010; GERKO et al., 2005; CRISMAN et. al., 2004).

Para Passarela *et al* (2010). e Clark *et al*,(2010) a criança vítima e abuso sexual poderá carregar tal trauma por toda a vida, no entanto, somente buscará o auxílio especializado tempos depois, quando os efeitos emocionais e psicológicos se tornarem mais críticos. Na maioria das vezes, a vítima não terá uma situação propícia para a sua denúncia num primeiro momento, causando, portanto, maior tempo de exposição à violência e agravamento psicopatológico do caso. Ainda segundo esses autores, a figura masculina é percebida como ameaçadora, segundo a ótica da criança que sofreu abuso sexual. Tal percepção pode se generalizar, comprometendo o estabelecimento de um vínculo adequado de confiança e segurança com figuras do sexo masculino, o que resvalará para o isolamento, timidez, falta de entrosamento, insociabilidade, ansiedades e tantos outros sintomas que deprimem o sujeito de si e da sociedade a qual participa e vive. (SERAFIM *et al.*, 2011).

É importante ambientar esse depoimento que, durante a roda de conversa, deixou a todos surpresos com a coragem de expor um episódio tão delicado na vida da participante. Um silêncio reverente foi criado para ouvir, com muita atenção, à experiência de vida daquela mulher que, em diversos momentos, se emocionou, provocando reações semelhantes em outros participantes. Criou-se um ambiente de compaixão e solidariedade, fortalecendo a voz da participante enquanto contava os detalhes de sua história. Apesar de os participantes não se conhecerem, a narrativa forte contribuiu para a empatia entre todos do grupo e abriu espaço a relatos igualmente marcantes. Após a exposição, a participante agradeceu por terem escutado-a e, segunda a própria, sentia mais fortalecida após discutir isso com outras pessoas e falar em voz alta o que sentia ao longo dos anos que ficara em silêncio.

Infelizmente, um comportamento ainda comum é a culpabilização da vítima. Muitas desistem de denunciar por medo do que a sociedade irá pensar. O medo de ser vista com maus olhos pode gerar um sentimento de humilhação, fazendo com que casos de abuso sexual não venham à tona, anistiando o abusador que se sente livre para repetir o ato com outras vítimas. Segundo Costa et al. (2009), além do medo, o sentimento de tristeza, vergonha, angústia, sentimento de falta de proteção e apoio, preocupação, dor e aflição são os mais comuns em vítimas de abuso sexual e sua família. Sinclair & Martínez (2006), apontam, também, para a existência de uma vitimização secundária, que se configura no sofrimento das mães (e de outras pessoas) que carregam sentimentos de culpa e responsabilidade diante dos acontecimentos abusivos.

O medo das possíveis consequências tem sido o principal motivo para que as famílias não denunciem o abuso sexual, principalmente quando este ocorre intrafamiliar (COSTA, 2009). Contudo, o apoio promovido pela família, tanto à vítima do abuso quanto aos pais, tem sido mencionado como um mediador das consequências negativas frente ao abuso sexual (STEEL, SANNA, HAMMOND, WHIPPLE, e CROSS, 2004).

Surge a figura do psicólogo como um personagem fundamental na investigação da origem de um problema. O desenvolvimento da síndrome do pânico na idade adulta finalmente levou a nossa protagonista a procurar ajuda especializada. Somente com o auxílio profissional foi possível chegar a origem de tudo, num tal ponto da memória que nem mesmo a paciente conhecia. Após anos sem compreender a gênese dos seus

problemas de sociabilidade, foi possível obter um diagnóstico e um tratamento adequado. No entanto, muitos anos de sofrimento se passaram. E tudo poderia ter sido diferente caso a família recebesse o apoio correto e a criança abusada sexualmente a assistência apropriada.

Outro ponto que destacamos é a atuação da escola. Sabemos que não há condições físicas e humanas para enfrentar todas as demandas dos alunos. Por isso, não devemos tomar para os profissionais da equipe pedagógica a responsabilidade de salvar o mundo. Mas o que estiver ao nosso alcance, podemos fazer. É aí que entra a educação sexual, seja de forma estruturada e planejada ou de maneira informal, aproveitando os ganchos do dia a dia.

Segundo a LDB (BRASIL, 1996), a educação é dever da família e do Estado. Quando adentramos no âmbito da educação sexual, observam-se discursos efusivos no sentido de limitar a tutela exclusiva ao grupo familiar. Contudo, algumas famílias não conseguem dialogar com seus filhos de forma aberta sobre o assunto ou podem tratar a sexualidade de forma tão cerceadora que cria concepções traumáticas em relação ao sexo. O caso ilustrado no conto reforça a importância da Educação Sexual na escola. Talvez pelo despreparo ou numa tentativa de fugir do ocorrido, a família optou por não discutir esse drama vivido pela filha. Mas a escola poderia dar um suporte nesse momento de incerteza e fragilidade.

A educação sexual, como um espaço de discussão, conscientização e ação, poderia abordar, desde a infância, as caracterizando o carinho próprio de adultos com crianças e o carinho adequado de adultos entre si, diferenciando do que pode ser considerado inapropriado. Dessa maneira, talvez seja possível reduzir as situações de vulnerabilidade em todas as etapas da vida, não apenas na infância, mas também na idade adulta. A escola não pode concorrer solitária no combate à violência sexual, contudo há sim potencial para contribuir na apropriação do corpo, nas relações que se faz com o outro e dos limites que caracterizam o respeito e as boas relações, minimizando as condições de fragilidade.

Para alcançar este objetivo, não basta concordar ou entender a importância da educação sexual. É necessário possibilitar aos docentes e demais integrantes da equipe pedagógica uma formação específica para o tema. Dada sua abrangência, complexidade e centralidade na formação da identidade, é necessário compreender a sexualidade por diversos ângulos. Talvez nunca sejamos capazes de compreender a totalidade do fenômeno da sexualidade, pois carregamos em nossos ombros séculos de concepções restritivas.

Ainda hoje há muitas discordâncias e tensões que resultam em rupturas e quebra de paradigmas. E com a mesma força que novos conceitos estão sendo acrescentados aos já existentes sobre a sexualidade humana, movimentos antagonistas criam empecilhos aos avanços da discussão em uma tentativa de retroceder ao paradigma tradicional, a saber, o binarismo macho x fêmea, determinação do gênero pelo sexo biológico e heteronormatividade como única forma de viver a sexualidade. Sabendo que

tais conceitos estão enraizados em nossa sociedade por séculos, o professor, como um ser social, não está imune a eles. Por tal motivo, um docente que não esteja devidamente preparado pode confundir mais do que esclarecer, contribuindo para a manutenção dos estereótipos e preconceitos que geram tanto sofrimento aos muitos cidadãos que fogem ao padrão tradicional. Portanto, um ponto fulcral para o sucesso de uma proposta em educação sexual é o investimento na formação profissional do professor.

Bibliografia

ADED, N. L. O.; DALCIN, B. L. G. S.; MORAES, T. M. ;CAVALCANTI, M. T. Abuso sexual em crianças e adolescentes: revisão de 100 anos de literatura. *Archives of Clinical Psychiatry* .São Paulo, 33(4), 204-213, 2006. <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832006000400006>

BRASIL, LDB. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

CLARK, C.; CALDWELL, T.; POWER, C.; STANSFELD, S.A. Does the influence of childhood adversity on psychopathology persist across the lifecourse? A 45-year prospective epidemiologic study. *Ann Epidemiol.* 20(5):385-94. 2010.

COSTA, L.F.; ALMEIDA, T. C.; RIBEIRO, M.;PENSO M. Grupo multifamiliar: espaço para a escuta das famílias em situação de abuso sexual. *Psicologia em Estudo*, 14 (1), 21-30. 2009.

CRISMAN, M.; BASCELLI, E.; PACI, D.; ROMITO, P. Adolescents who experienced sexual abuse: fears, needs and impediments to disclosure. *Child Abuse Negl.* 28(10):1035-48. 2004.

GERKO, K.; HUGHES, M.L.; HAMIL, M.; WALLER, G.. Reported childhood sexual abuse and eating-disordered cognitions and behavior. *Child Abuse Negl.* 29(4):375-82. 2005.

HORONOR, H. Child sexual abuse; psychosocial risk factors. *Journal of Pediatric Health Care.* 16(4):187-92. 2002.

PASSARELA, C.M.; MENDES, D.D.; MARIL, J.J. Revisão sistemática para estudar a eficácia de terapia cognitivo-comportamental para crianças e adolescentes abusadas sexualmente com transtorno de estresse pós-traumático. *Rev Psiq Clin.*;37(2):60-5.2010.

PFEIFFER, L.; SALVAGNI, E. P. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. *Jornal de pediatria.* Rio de Janeiro. Vol. 81, n. 5 supl (nov. 2005), p. S197-S204, 2005.

SERAFIM, A. D. P.; SAFFI, F.; ACHÁ, M. F. F.; BARROS, D. M. D. Dados demográficos, psicológicos e comportamentais de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 38(4), 143-147. 2011.

SINCLAIR, C.; MARTÍNEZ, J. Culpa o responsabilidad: Terapia con Madres de Niñas y Niños que han sufrido Abuso Sexual. *Psyche*, 15(2), 25-35. 2006.

STEEL, J.; SANNA, L.; HAMMOND, B.; WHIPPLE, J.; CROSS, H. - Psychological sequelae of childhood sexual abuse: abuse-related characteristics, coping strategies, and attributional style. *Child Abuse & Neglect* 28: 785-801, 2004.

WHIFFEN, V. E.; MACINTOSH, H. B. Mediators of the link between childhood sexual abuse and emotional distress: A critical review. *Trauma, Violence, & Abuse*, 6(1), 24-39. 2005.

ZAVASCHI, M.L.S.; SATLER, F.; POESTER, D.; VARGAS, C. F.; PIAZENSKI, R.; ROHDE, L.A.P. *et al.* - Associação entre trauma por perda na infância e depressão na vida adulta. *Revista Brasileira de Psiquiatria* 24 (4): 189-195, 2002.

CONTO 3



Vou contar um segredo a vocês. Mas é segredo. Num vai sair por ai espelhando, hein! Outro dia eu estava no meu quarto, sozinho, quando, de repente, minha mãe entrou. A cena presenciada não deve ter sido muito agradável à ela. Eu estava me masturbando. É sério, tocando uma de boa. Você provavelmente deve estar rindo agora, afinal tudo que diz respeito a sexo provoca essa resposta nervosa. Alguém poderia dizer “Ah, nada demais. Hoje em dia todo mundo faz”. Mas o que aconteceu depois foi uma confusão danada. Eu me senti tão mal, mas tão mal, que fui falar com meu pai sobre isso, mas ele num me deu muita atenção. Quando chega do trabalho, só quer deitar no sofá, descascar e beber sua cervejinha. Ele diz que é o ritual de macho. Daí a minha mãe guarda a roupa suja dele, prepara comida e coloca no prato. Acho que esse deve ser o ritual de fêmea né?

Eu vivo dizendo “mãe, por que você tem que fazer tudo em casa e o papai só fica deitado no sofá?”. Ela responde “Ah, meu filho. Já estou acostumada. O seu pai põe comida dentro de casa, temos um teto para morar. Isso é o mínimo que eu posso fazer. Além do mais, Deus ordenou que fosse assim. Nós obedecemos”.

Pois é. Minha mãe é muito religiosa. Desde pequeno me leva à igreja. Eu cresci ouvindo sobre pecado, morte e inferno. Se saísse um pouquinho fora da linha, pecado. Se contasse uma mentirinha, penitência. Se escutasse um rock, rezava o terço. Se

escutasse funk então, minha alma estaria perdida para sempre! Música “do mundo” é proibida. Aliás, tudo que ela considera “do mundo” ou uma afronta à fé é proibido. Uma vez eu fui pedir ajuda pra estudar uma matéria de Ciências, mas quando ela viu que o assunto era “evolução”, pegou a minha folha e rasgou! Depois me fez ler o primeiro capítulo de gênesis cinco vezes, pra gravar bem como “Deus criou o mundo e tudo que tem nele”. Tenso, eu sei.

Você deve estar se perguntando “ok, o que aconteceu depois que sua mãe te pegou tocando uma?”.

Como eu falei, minha mãe é religiosa. E eu nunca tinha falado pra ninguém, mas eu me masturbo muito. Não sei se é da idade, se eu tenho algum problema, mas desde que comecei nesse negócio, eu tenho que fazer, pelo menos, uma por dia. Será que eu sou normal?

Depois que minha mãe me pegou bem no meio do ato, parece que eu cometi um crime, sabe? Agora não posso ficar com a porta fechada no quarto, se demoro muito no banho ela já fica batendo na porta, me coloca todo dia pra arrumar a casa e tenta me manter o máximo ocupado para não ter “pensamentos impuros”.

Até que um dia, minha mãe estava lendo a bíblia, eu sentei ao lado dela e falei:

- “Mãe. Posso te perguntar uma coisa?”

- Fale, Mateus. O que você quer?

- Tocar punheta é pecado?

Ela imediatamente arregalou os olhos, mas sem tirá-los da leitura. Fez um breve silêncio. Parecia buscar as palavras certas.

- Veja, meu filho. Deus fez homem e mulher para que um seja o complemento do outro. A relação dos dois é semelhante ao funcionamento do corpo: o homem é a cabeça e a mulher o coração. Deus ordenou que crescêssemos e nos multiplicássemos. Como você espera se multiplicar se desperdiça sua semente? A semente foi feita para fecundar a mulher e não para você desperdiçar em prazeres fúteis. A bíblia fala de Onã, que jogava sua semente na terra para não engravidar sua esposa. Você sabe o que aconteceu com Onã, meu filho?

- Não mãe. O que aconteceu com esse cara aí?

- Foi castigado por Deus e morreu.

- Cruz credo mãe. Morreu por que tocou uma punheta? Eu nem tenho esposa e não to tentando engravidar ninguém.

- Mas esse não é o maior problema. Aliás, de onde você está tirando isso? Com quem você anda conversando, einh? Com certeza não é com seus amiguinhos da igreja. Eles não fariam essas coisas. Eu vou ter que conversar com seu pai. Ou melhor, vou te levar pra conversar com o pastor!

- Não mãe. Deixa pra lá. Tudo menos conversar com o pastor.

É sério. Conversar com o pastor era como ser réu num tribunal. Parecia que tudo que eu dizia seria usado contra mim. Eu não sentia esse sentimento de reconforto que minha mãe tanto dizia sentir na igreja. Mas acho que cada um tem sua própria experiência com Deus né?

Um tempo depois eu tentei conversar com o meu pai.

- Pai, posso te fazer uma pergunta?

- Se não for demorar muito, pode. Estou vendo o jornal. Só tem desgraça. Mas pode falar, filho. O que foi?

- Quando você era mais novo, você se masturbava?

- Masturbar?

- É pai. Sabe...Punheta.

- Ah! Nossa! Que pergunta é essa, menino?!

- Poxa, pai. Tentei falar com a mamãe, mas ela nem me escutou e já queria me levar pro pastor.

- Ah, ela tem razão. Eu não sei falar dessas coisas ai não.

- Só me diz a verdade ué. Você se masturbava?

- Olha filho. Eu não quero problemas com sua mãe.

- Pode deixar que eu não conto nada pra ela e o senhor não fala o que eu contar, combinado?

- Está bem. Combinado. Veja só, eu me masturbava sim.

- E você se sentia mal depois? Porque mamãe diz que é pecado.

- Mal? Não. Pelo contrário, era ótimo. Sentia-me relaxado.

- Mas por que então mamãe está tão aborrecida?

- Porque, meu filho, você sabe que somos muito apegados à religião. Você sabe o quanto ela sofreu quando a vovó morreu. A religião foi a única coisa que conseguiu fazê-la achar conforto. Esse assunto, de masturbação, é muito complicado na igreja. Há muitas interpretações diferentes, e a sua mãe é um pouco radical nesse sentido. E por mais que hoje em dia todo mundo faça isso, a igreja ainda condena. Diz que é errado e tal. Você entende?

- Tudo bem, pai. Mas por que a religião diz que é errado?

- Bom, pra começar tem aquela história de Onã, que no sexo, ejaculava do lado de fora pra não engravidar a esposa. Daí Deus foi lá e matou o cara. Segundo, porque quando você esta se masturbando, provavelmente está pensando em alguém, daí vem os pensamentos impuros até chegar ao orgasmo. E Deus diz “não cobiçarás a mulher do teu próximo”. É mandamento de Deus! E depois, meu filho, quem se masturba muito

fica com pêlos nas mãos, nasce muita espinha no rosto, fica com sangue fraco, pode ficar impotente depois de adulto, e por aí vai.

- Nossa pai! É sério?!

- Sim, muito sério! Tem um livro que diz tudo isso. Foi escrito há muito tempo já, antes da medicina ser dominada por infieis.

- Então eu posso ter problemas sérios se continuar tocando punheta?

- Pois é, meu filho. Então, se eu fosse você, parava o mais rápido possível.

A conversa com meu pai foi reveladora. Eu não imaginava que a masturbação pudesse ser tão prejudicial à saúde. Imagina eu chegando à escola cheio de pelos nas mãos. Iriam todos rir de mim. E se meus amigos não souberem disso? Eu precisava avisar logo antes que eles ficassem doentes. No dia seguinte, na escola, eu esperei a hora do recreio pra falar com todos de uma vez.

- Gente, o negócio é sério. O Marcos tá com essa cara toda cheia de espinha eu já sei o porquê. Não adianta esconder, cara, que eu sei que quem toca muita punheta fica com a cara cheia de espinhas. Fala pra galera que você é o maior punheteiro da escola.

Todo mundo riu, menos o Marcos. Eu sei que eu tava zoando ele, mas não podia revelar que eu era o maior punheteiro da escola. Talvez ele não saiba, mas estava salvando a vida dele naquele momento.

- E tem mais Marcos, se você não parar, vão nascer um monte de pelos em suas mãos, você vai ficar com o sangue fraco, anêmico e quando crescer capaz de ficar broxa pra sempre!

- Cara, que viagem!! Quem te contou essas paradas?!

- Foi um primo meu, ele é mais velho. Disse que conhecia um vizinho que tocou tanta punheta que ficou só os ossos de tão magro e fraco. É sério! História real!

Bom, não sei se acreditaram, mas eu fiz a minha parte. Dei minha contribuição para salvar as vidas deles. Depois do recreio, teríamos aula de Ciências. O professor estava falando sobre sistema circulatório, mas a turma toda estava discutindo sobre as espinhas do Marcos e as razões dela existirem.

- Turma, o que está acontecendo aqui? Estou tentando explicar a matéria da aula de hoje.

- Foi mal, professor. É porque estão todos zoando o Marcos porque ele é o maior punheteiro da escola.

- Pessoal, deixem o menino em paz. Não tem problema nenhum em se masturbar.

- Professor, eu não sei de onde tiraram isso. O Mateus que chegou com essa história doida aí de que quem toca punheta fica com espinha na cara. Agora ficam me zoando.

- Mateus, quem te contou isso?

- Então, foi meu primo. Ele disse que um vizinho até morreu de tanto tocar.
- Mateus, fala sério. Essa história aí teu primo contou pra te assustar. Não tem nada disso. Punheta não faz crescer pelos nas mãos, não emagrece, não deixa fraco e muito menos mata. Tudo isso não passam de histórias que contam pra deixar vocês com medo.
- Mas professor. Meu pai disse que tem até um livro de medicina que fala disso.
- Seu pai? Mas num foi seu primo que contou isso pra você?
- Putz, dessa vez ele me pegou. Fui descoberto. Num tinha mais pra onde correr.
- Tá bom, foi meu pai que me contou. Mas ele disse que existe sim esse livro, que foi escrito há muito tempo, quando num tinha tantos infiéis na medicina.
- Ah! Agora entendi tudo. Então Mateus. O que acontece é que, antigamente, a Igreja ditava um monte de regras que todo mundo tinha que seguir.
- Antigamente, professor?
- Tudo bem, hoje em dia ela também dita umas regras, mas quem não concorda pode não segui-las sem grandes problemas. Antigamente era mais difícil não seguir as regras da Igreja.
- Não lá em casa.
- Mas aí, depois de um período chamado de iluminismo, a Igreja perdeu um pouco do seu poder. O pensamento científico passou a ser mais valorizado. Mas ainda houve algumas iniciativas que tentaram dar uma aparência de ciência por trás das velhas regras da Igreja, ou seja, justificavam o que a Igreja dizia por meio de uma suposta ciência. Daí surgiu livros que falavam um monte de coisas não científicas. Não eram livros científicos de verdade. Entende?
- Mas professor, se foi escrito por pessoas que estudavam o assunto, a gente num tem que dar um crédito?
- A ciência é feita de homens que têm interesses diversos e, às vezes, as crenças pessoais gritam mais alto que os procedimentos próprios da verdadeira ciência. O que eu quero dizer é que a ciência precisa ser pensada sempre relacionando-a com o momento histórico, as urgências e preocupações da sociedade e a cultura em que ela está sendo desenvolvida. A ciência não é perfeita e está totalmente comprometida com o momento em que ela é produzida.
- O senhor quer dizer que esses livros foram escritos por pessoas que queriam apenas provar o ponto de vista deles, independente se estavam corretos ou não?
- Exatamente, Mateus. Você entendeu bem. Ainda hoje vemos isso acontecendo com assuntos tabus como dizer que a mulher tem menos neurônios e, por isso, são menos capazes de desenvolver determinadas tarefas. Mas a gente sabe que isso não é ciência séria. As mulheres são capazes de fazer o que elas quiserem, não é meninas?

O professor falando assim, eu consegui entender que não podemos acreditar em tudo que nos falam. Nem mesmo se disser que a ciência comprovou. Senti-me até envergonhado de ter dito todas aquelas coisas sobre o Marcos e a masturbação.

- Professor, então não tem problemas tocar umazinha de vez em quando?

- Desde que seja um momento seu, que não esteja assediando nenhuma outra pessoa e que, principalmente, ninguém se sinta ofendido, não há problema algum. É um momento de descoberta, de aprendizado. Ainda mais para vocês que estão na idade de se descobrir, de observar as mudanças corporais. Eu diria que é até saudável.

- Aí pessoal, agora que o Mateus num sai mais do banheiro. – disse Marcos.

Eu sabia que eu seria zoadado pela galera, mas eu to feliz e bastante aliviado em saber que masturbação não causa nenhuma doença. Só não sei ainda como convencer meus pais disso. Bom, vou deixar isso mais pra frente. Por enquanto eu quero mais é me conhecer, cada vez mais, se é que me entendem. Com licença...

Para saber mais

A Medicalização da Sexualidade. Foucault e Lantéri-Laura: História da Medicina ou História da Sexualidade?

Autor: Alain Giami

Educação Sexual Familiar E Religiosidade nas Concepções Sobre Masturbação de Jovens Evangélicos.

Autora: Patrícia Cristine Pereira

Questões para reflexão

- 1 - Após a leitura do conto, pense em um título que sintetiza a idéia principal da história.
- 2 - Muitas pessoas não se sentem confortáveis ao falar sobre masturbação. Em sua opinião, por que isso acontece? Por que ainda hoje é um tabu tão grande?
- 3 - O conto fala em “ritual de macho” e “ritual de fêmea”. O que você acha desses comportamentos?
- 4 - Em muitos assuntos, religião e ciência parecem estar em lados opostos. Consegue citar três situações onde esta polarização acontece? E haveria situações onde ciência e religião se aproximam? Quais?
- 5 - Por que muitos pais parecem ter dificuldade em conversar sobre sexo com os filhos?
- 6 - A história de Ôna tem sido utilizada para justificar o castigo da masturbação, mas o que Ôna fazia se aproxima de outra prática comumente utilizada para prevenir a gravidez. Que prática seria essa?

- 7 - Em sua opinião, a masturbação traz tantos prejuízos como os pais de Mateus falaram a ele?**
- 8 - Quais benefícios uma conversa franca e objetiva sobre sexualidade poderia trazer aos adolescentes?**

Discutindo o conto

Esta história teve como principal inspiração uma conversa com um aluno do 7º ano. Estava preocupado porque se masturbava demais e haviam dito a ele que coisas terríveis poderiam acontecer com quem praticasse o ato com frequência. Este episódio evidencia um comportamento que é bastante comum: a curiosidade dos alunos em relação ao próprio corpo e sua sexualidade, principalmente na fase da pré-adolescência, quando os primeiros sinais de mudança corporal aparecem e há maior interesse pela genitália e pelo prazer sexual. A descoberta do prazer pode vir acompanhada de maior ansiedade em relação à sexualidade. Muitas vezes recorrem aos amigos ou à internet como fonte de informações, o que pode gerar concepções equivocadas. Em minha vida docente posso afirmar com tranquilidade que, em 90% das turmas de ensino fundamental que lecionei, a aula de “sexologia” era ansiosamente aguardada, ainda que não fizesse parte do currículo para aquela série. É uma temática cuja curiosidade não se esgota. Talvez estivessem ansiosos por tirarem as dúvidas que não conseguem conversar com os pais nem com os amigos, ou talvez seja a atração natural da adolescência pelo proibido. Fato é, o interesse que em muitas situações seria coibido ou julgado como perversão, nas aulas de ciências torna-se conhecimento escolar.

A sexualidade nos dias atuais ainda é considerada um grande tabu. Muitos pais não conseguem iniciar uma conversa sobre o assunto. Outros tantos proíbem ativamente qualquer menção ao tema entre as paredes de casa. Fica a impressão de que, para determinadas famílias, falar sobre sexualidade seria induzir precocemente a vida sexual dos filhos. Vigiar e punir tornam-se as principais ações perpetradas no seio familiar para afastar o fantasma da sexualidade. Porém nem sempre foi assim.

O filósofo francês Michel Foucault estudou o que ele denominou de “dispositivo da sexualidade”. Buscou as origens das regras e tabus que temos como naturais em nossa sociedade. Suas conclusões nos ajudam a entender o lento processo pelo qual a sexualidade transformou-se no que conhecemos hoje em dia. Segundo o autor, a confissão cristã permitiu a elaboração de um discurso sobre a sexualidade, com a penitência de práticas consideradas pecaminosas. Em seguida veio a medicalização da sexualidade como um processo contínuo que se utilizou das mesmas ferramentas da religião: a incitação e a interpretação da fala.

“...dispositivo da medicalização vai se aplicar inicialmente à questão da masturbação infantil, que consiste em fazer desta "a primeira forma de sexualidade a confessar. Consiste, em seguida, em ver na masturbação o princípio etiológico, a causa principal senão única de todas as doenças que afetarão tanto a criança quanto o adulto. A medicalização da masturbação se inscreve num processo de "somatização" da sexualidade: é o corpo e as condutas que aí se tornam o objeto da investigação e a conduta incorreta tem consequências somáticas graves. Essa investigação permanente sobre a sexualidade ou antes, sobre a masturbação infantil, será efetuada pela família, que virá ocupar, assim, lugar central no processo de medicalização, entendido como "controle disciplinar" (GIAMI, 2005).

Giama descreve, apoiado em Foucault, como se iniciou a medicalização da sexualidade, relacionando fundamentalmente a sexualidade infantil, em especial a masturbação, como causa de doenças inclusive na idade adulta. Em síntese, tudo que não poderia ser explicado era atribuído a distúrbios da sexualidade. E na medida em que a medicina condenava a masturbação, cabia aos familiares o papel de fiscalização e controle. Dessa maneira, além dos discursos religiosos e médicos, surgiam os interditos formulados pela própria família. Advém daí algumas das teorias sobre os efeitos maléficos e tão temidos da masturbação.

Em 1844, a publicação do livro *Psychopatia sexualis* por Heinrich Kaan aproximou sexualidade e psiquiatria. Considerado um dos primeiros sexólogos modernos, Kaan fez uma relação entre o instinto sexual natural (trazendo a idéia de natureza) aos desvios da finalidade principal do sexo, a reprodução. A sexualidade saudável e normal seria aquela em que houvesse uma cópula e que levasse à perpetuação da espécie, a exemplo do que ocorre na natureza. Qualquer comportamento que destoasse da natureza fundamental do sexo era considerado “aberração”. A fantasia ou imaginação mórbida seria a causa de uma sexualidade que busca meios alternativos de se satisfazer. Portanto, era necessário combatê-la de modo a evitar qualquer forma de obter prazer sexual dissociada da reprodução. E a família permanecia como a principal instância de fiscalização e vigilância.

Mary Del Priori, em seu livro “Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil”, nos conta alguns dos mitos criados como possíveis consequências da masturbação para os jovens que a praticavam. Chamada de “onanismo” em referência ao personagem bíblico Onã (que praticava o “coito interrompido” e não a masturbação), tais mitos foram criados pela Igreja e corroborados pela medicina. À época, estudos chegavam da Europa e dizia que, entre outras consequências, as crianças poderiam se transformar em cadáveres ambulantes, que poderiam nascer cabelos nas mãos, que a masturbação destruía lares, casamentos e famílias, que não só fazia mal à saúde como esgotava as forças e prejudicava o trabalho.

Proibia-se dormir de dorso. Antes pecadores, agora doentes ou ambos, os masturbadores sofriam febres, magreza, suores, surdez, estupidez e imbecilidade. Os “doentes” usavam camisolas ou cuecas de couro e sofriam

aplicações “refrigerantes” in loco. Gelo e sal de cozinha eram muito eficientes. A cauterização com nitrato de prata na porção prostática do canal da uretra era indicada em casos “perdidos”. Ameaçavam-se meninas bonitas de ficarem feias. Corcunda, vertigens, epilepsia, câimbras, gordura, a lista de consequências da “mão amiga” não acaba. A masturbação era o vício em estado puro. O fato de que a mulher pudesse ter prazer sem o homem parecia absolutamente intolerável. O Dr. Pires de Almeida era incansável em admoestar sobre as consequências do “clitorismo”: hálito forte, gengivas e lábios descorados, sardas e espinhas, perda de memória e, para culminar, morte lenta e dolorosa. Na Inglaterra combatia-se o vício queimando o clitóris com ferro quente. Operava-se com bisturi, tesouras ou galvanocáustica – ou seja, correntes elétricas. Queimar com uma caneta de nitrato de prata toda a superfície da vulva era outra saída. A Igreja, por sua vez, debruçou-se com toda a atenção sobre o que se considerava o “onanismo conjugal”, ou seja, toda manobra que, no seio do casal, se fizessem para obter prazer sem o risco de gravidez. Era uma luta fanática! (DEL PRIORI, 2014, p.95)

Chamada de “vício em estado puro”, a masturbação era um mal a ser combatido. Surgiram, portanto, variadas formas de contê-la. O tratamento frequentemente envolvia dietas rigorosas, proibindo ingestão de alimentos como peixe, álcool, café, carne, entre outras coisas. A proibição se estendia ao vestuário, sendo vetado o uso de roupas apertadas ou que pudesse alimentar a imaginação alheia. O casamento era apontado como uma solução recomendada para evitar o prazer solitário (BRENOT, 1998). A partir de 1850, a persistência na prática levou à utilização de métodos externos e dolorosos como armaduras preventivas, sistemas protetores com sinos – que alertavam aos pais quando ocorria uma ereção – ou garras – que feriam o pênis se este se enchesse de sangue e ficasse rígido - bem como preservativos e grades (ALLEN, 2000; MOTTIER, 2008; ROMUALDO, 2003). Para as mulheres era recomendada a clitoridectomia, que consistia na retirada total ou parcial do clitóris. Visto que a masturbação poderia causar histeria, epilepsia e varizes, não se poupavam esforços para combatê-la. O procedimento era realizado tanto em adultos quanto em crianças.

A religião monopolizou as discussões em torno da sexualidade durante muitos séculos. Durkheim (1996) explica que a religião nasceu com o objetivo humano de dar sentido ao mundo, a partir da criação de uma simbologia capaz de explicar aquilo que não fazia sentido e trazia medo. A religião é uma manifestação cultural, seus símbolos e rituais são representações arbitrárias de uma realidade que escapa aos homens. Os símbolos e rituais de cada religião são inteligíveis àqueles que partilham daquela representação. A religião, até o início da Idade Moderna, era a instância responsável por organizar a vida social e servir de base para a explicação dos fenômenos naturais. A estrutura religiosa era coerente com o poder soberano, apoiado na ameaça de morte. Com a passagem ao poder disciplinar, a garantia do prolongamento da vida advinha dos postulados e pressupostos científicos. O processo resultou em uma perda de status da religião na sociedade ocidental, de modo que a instituição passou a ser manifestação do mundo privado, e seus postulados e ritos passaram a fazer sentido somente àqueles indivíduos que partilhavam daquela crença.

O iluminismo foi um movimento determinante na superação da razão sobre a fé. Ao final do século XVII, início do XVIII, as questões de ordem sexual começam a influenciar cada vez mais o social. A ciência se preocupou, a princípio, com a sexualidade intra-matrimonial, mas logo voltou-se para outros problemas. Contudo, de imediato, houve poucas modificações entre os esquemas anteriores sob a ótica da fé e os enunciados pela ótica da ciência, especialmente da medicina. Muitos médicos ainda se baseavam nos preceitos da igreja para deliberar sobre masturbação e outras questões de sexualidade.

Um longo caminho foi percorrido desde o iluminismo até os dias de hoje. A medicina avançou sob as metodologias científicas e postulados baseados em interpretações religiosas não fazem mais parte do discurso oficial. Podemos dizer que a masturbação é um ato natural, saudável e praticado tanto por homens quanto mulheres. Além de ser uma forma de obter prazer sexual, pode ser um momento propício para conhecer o próprio corpo e entender sua sexualidade. Não há contra-indicações e muito menos causa problemas na adolescência ou na idade adulta. A masturbação talvez represente um dos primeiros passos na preparação para a vida sexual.

Um aspecto que não podemos ignorar no conto é a dificuldade de pais e responsáveis em ter uma conversa franca e aberta sobre sexualidade, inclusive a masturbação. Sobre essa questão, Suplicy (1991) afirma ser necessário, primeiramente, que os pais se defrontem com a sua própria sexualidade antes de iniciarem um diálogo sobre a sexualidade dos filhos. Nesta posição, muitas vezes, incômoda, podem surgir angústia e ansiedade. A sexualidade dos filhos traz à tona aspectos reprimidos do subconsciente de muitos pais e, por isso, há um distanciamento.

Como superar esse obstáculo? Como fazer pais e filhos se aproximarem para conversarem sobre sexo sem incorrer em pudores e reprodução de tabus? Não há uma fórmula mágica, nem maneiras mais fáceis de alcançar esse objetivo. O que funciona para alguns podem não funcionar para outros. No entanto, um bom ponto de partida é:

- ✓ Escutar mais
- ✓ Evitar julgamentos
- ✓ Evitar comportamento impositivo
- ✓ Deixar claro o seu ponto de vista sem depreciar a opinião do outro
- ✓ Seja claro e objetivo, sem rodeios ou eufemismos
- ✓ Se interessar pela vida e pela história do filho(a)
- ✓ Estar aberto ao que o(a) filho(a) quiser falar sem interrupção ou imposição

Mais uma vez, não se trata de uma cartilha ou fórmula mágica para alcançar um objetivo, mas uma orientação diante de uma dificuldade que é tão comum na maioria das famílias brasileiras. E assim como Suplicy nos alerta, é fundamental ter coragem para enfrentar as próprias questões em relação à sexualidade que possam estar soterradas sob camadas de repressão antes de buscar aconselhar às novas gerações, sejam eles nossos filhos ou nossos alunos. Talvez assim será possível, aos poucos,

superar o medo de conversar sobre sexo até que este deixe de ser um tabu tão grande. A conversa franca e positiva, sem julgamentos ou moralismos, pode ajudar na formação de conceitos de sexualidade mais alinhadas com os valores de cidadania e respeito para sociedade que queremos, onde os preconceitos e discriminações serão sobrepujadas diante da tolerância, respeito e valorização das diferenças.

Bibliografia

ALLEN, P. L. *The wages of sin: sex and disease, Past and Present*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BRENOT, P. *Elogio da Masturbação*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

DEL PRIORE, M. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. 2ª Edição. São Paulo: Planeta, 2014.

DURKHEIM, É. Definição do fenômeno religioso e da religião. **As formas elementares da vida religiosa**, p. 53-74, 1996.

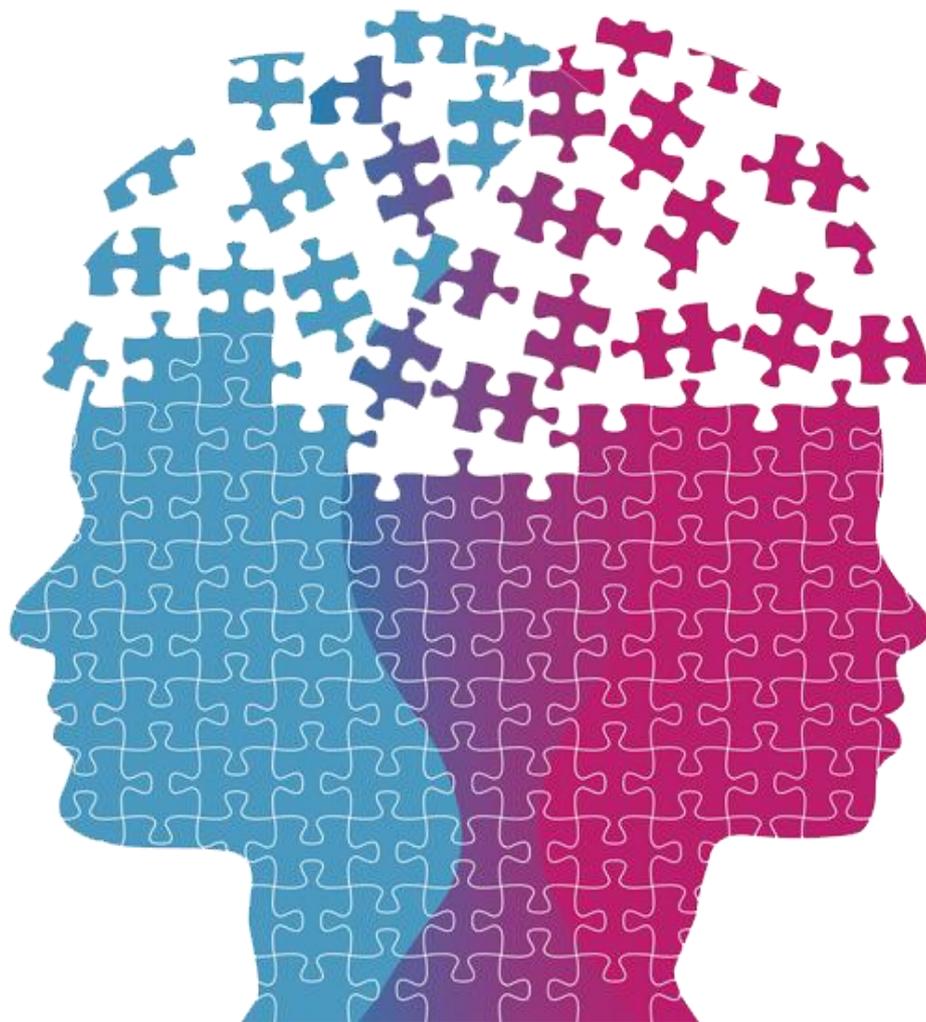
GIAMI, A. A medicalização da sexualidade. Foucault e Lantéri-Laura: história da medicina ou história da sexualidade?. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 15, n. 2, p. 259-284, 2005.

MOTTIER, V. *Sexuality, a very short introduction*. New York: Oxford University press, 2008.

ROMUALDO, C. *Masturbação*. São Paulo: Arte Impressa, 2003.

SUPLICY, M. *Conversando sobre sexo*. 17. ed. Petrópolis: Edição da Autora, 407p. 1991.

CONTO 4



Olá, caro leitor. Gostaria que você guardasse esses minutinhos para ler sobre a minha história. Prometo não demorar. Eu me chamo Lúcia e hoje estou com 58 anos. Mas não me chamem de velha não. Se tem algo que eu sempre fui e sempre vou ser é jovem!

Eu fui criada em uma família bastante tradicional. Frequentei colégio militar, pedia benção ao meu pai, ajudava minha mãe nas tarefas de casa, ia à igreja aos domingos e sentávamos todos juntos para o almoço especial que minha mãe preparava após a missa. E eu tinha que ajudar, pois estavam me criando para ser uma bela esposa. Eu lembro-me que achava um saco cozinhar sempre enquanto meus irmãos nada faziam. Mamãe tinha o maior orgulho da família que estava construindo. Ela falava sempre o seguinte:

- Na minha família, graças a Deus, não tem viado, não tem piranha, não tem maconheiro, não tem drogado, não tem bandido.

Logicamente, eles achavam que estavam fazendo um ótimo serviço como pais me criando como dona de casa e à meus irmãos como homens provedores. Não bastava ser uma cidadã digna ou um cidadão respeitador e cumpridor de seus deveres. Deveria ser boa esposa e boa mãe ou bom marido, que provê todas as necessidades materiais de sua família. O maior desgosto seria ter um filho gay. Nós sabíamos bem disso. Que fosse bandido, maconheiro ou prostituta, mas gay seria a desgraça da família!

Você acha que lá em casa havia repressão? Nem imaginam!! Era o auge da ditadura militar no Brasil e eles aprenderiam muito sobre repressão com meus pais. Eles nunca usaram de violência ou tortura, podem ficar tranquilos. Mas se eu aparecesse com uma roupa considerada inadequada, era o pretexto para debates intermináveis sobre “o que as pessoas vão pensar de você?” ou “você acha que menina direita usa essas roupas que você está usando?”. Já ouvi “eu não criei filha minha pra ser chamada de prostituta na rua” e também o “depois não sabe porque tem tanta menina estuprada na rua”. Eu amo meus pais, mas era bem difícil conversar com eles sobre qualquer coisa que pudesse envolver, mesmo de longe, a liberdade feminina.

Você sabe o que acontece quando se exige de uma corda além do que ela é capaz de suportar? Ela arrebenta. E foi assim que eu descrevo minha reação a tudo aquilo. Havia chegado ao limite e eu não suportava mais tantas proibições. Eu não tinha voz, minhas idéias não eram ouvidas. Eu só podia obedecer e obedecer. Tantas regras ultrapassadas. Eu me sentia vivendo em uma caverna direto da idade das pedras. Em pleno século XX, as mulheres lutavam e conquistavam cada vez mais direitos e eu queria fazer parte daquilo. Então sabem o que eu fiz?

Eu comecei a andar pelada dentro de casa. Eu sempre gostei da liberdade de andar como os animais na natureza. Afinal, também somos parte da natureza. A visão dos corpos nus, livres, sem a vergonha da sua nudez, sem perceberem-se como seres sexuais, apenas a liberdade de estar como a natureza ordenou, isso me enchia de alegria e satisfação. Sem falar que Rio de Janeiro é e sempre foi um calorão. Eu não sei ainda como vocês suportam andar de roupa o tempo todo.

Mamãe sempre dizia que eu era muito “avançadinha” pra minha época. Mas ela falava isso não no sentido de saber tudo de tecnologia. Não não. Era no sentido de não me deixar ser controlada por idéias retrógradas. Ou seja, pra mim era um elogio.

O tempo foi passando, o mundo foi mudando, as mulheres conquistaram cada vez mais o mercado de trabalho e eu me sentia muito bem em ver que minha luta não era só minha. Que outras tantas mulheres também batalhavam pelo seu espaço e estavam sendo bem sucedidas em ampliar os limites das capacidades femininas. Minha mãe, tão apegada às velhas convenções, ainda resiste bastante a esse novo mundo e precisou encarar um desafio ainda maior do que criar uma filha “avançadinha”. O meu irmão mais velho, que ela ama de paixão, teve um filho. Um menino lindo, super inteligente, só tirava notas boas na escola, bom de conversa e muito apegado à família, especialmente à avó. Pois esse menino, depois de um tempo, foi dando sinais de que não se sentia muito à vontade com o corpo que tinha. Queria deixar o cabelo crescer,

pintava as unhas escondido e já usou a maquiagem da mãe. Ele conversava muito comigo, que era como uma tia meio maluca, então eu sabia o que era, mas meu irmão não podia sonhar o que estava acontecendo, muito menos minha mãe.

Caro leito, se você é bom entendedor, essa meia palavra já foi suficiente para entender o que se passava. Meu sobrinho, filho do primogênito da família, que minha mãe tanto amava, não se identificava com o sexo biológico. Apensar de nascer com corpo de menino, sentia-se menina. Transexual é o nome mais correto. Eu jurei guardar segredo, mas não demorou muito para meu irmão entender o que estava acontecendo. O pobrezinho sofreu. Apanhou, não podia sair de casa, não tinha mais porta no quarto, não tinha nenhuma privacidade, os amigos eram investigados e até eu fui apontada como causa para esse “desvio”. A mãe dele não era muito compreensiva e entrou em desespero quando percebeu o que era.

Surpreendentemente, quem se levantou para defendê-lo foi justamente a avó, que tanto se orgulhava de não ter viado, nem piranha, nem maconheiro, nem drogado, nem bandido na família. Eu que tentava achar as palavras para contá-la o que se passava na casa do meu irmão sem matá-la do coração fiquei completamente surpresa com essa atitude dela. De alguma maneira, aquelas idéias retrógradas e carregadas de preconceito foram superadas quando o sobrinho que ela tanto amava começou a sofrer nas mãos do próprio pai. O que será que aconteceu na cabeça dela pra mudar de opinião assim? Será que ela aceitou mesmo, de coração?

No meu trabalho como professora eu já tive situações de alunos que sofriam muito por serem transexuais. Ouviam muita besteira em sala de aula, tanto dos meninos como das meninas, no recreio eram discriminados e até na hora de ir ao banheiro era problemático. Quando era um menino que se sentia menina, a direção da escola não deixava usar o banheiro das meninas. Por outro lado, os meninos também não deixavam usar o banheiro com eles. Era um tremendo constrangimento para esses alunos que já têm uma tremenda carga de preconceito a suportar, ainda precisam lidar com o impedimento de um ato simples e fisiológico que é usar o banheiro. Pois eu acho que as meninas aceitariam bem melhor uma menina trans no banheiro com elas, não importa o que “veio de fábrica”, importa o bem estar da pessoa e aceita-la do jeito que ela é.

Na minha humilde opinião, o amor é a solução de tudo. E foi exatamente por isso que minha mãe conseguiu aceitar o neto transexual. O amor consegue nos libertar de nossos preconceitos, de nossas idéias ultrapassadas e fazer enxergar as coisas como elas são e não sob a lente do julgamento. Se não fosse o amor da minha mãe pelo neto, ela jamais teria se despedido dos preconceitos que ela tinha.

Agora ela aceita a nova neta que ganhou e a defende com unhas e dentes. Ela foi ainda mais além, pois recentemente fez uma tatuagem em homenagem à neta. Uma tatuagem! Eu jamais pensaria que ela seria capaz de fazer algo desse tipo, ainda mais com os mais de 70 anos que ela tem nas costas. Vocês não acham que ela está velha demais para fazer tatuagens? Bom, acho que nesse ponto eu é que preciso me libertar desse preconceito. Mas tudo bem, não somos perfeitos. Estamos sempre nos

aperfeiçoando. E a mensagem que deixo é essa: vamos amar mais uns aos outros. Todos somos importantes e não há espaço para o ódio quando o amor se faz presente.

Para saber mais

SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: Um estudo bibliográfico

Autores: Maria Aparecida Tedeschi Cano, Maria das Graças Carvalho Ferriani e Romeu Gomes

TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E TRANSGÊNEROS NA ESCOLA: Um estado da arte

Autores: Neil Franco e Graça Aparecida Cicillini

Questões para refletir

- 1 - Após a leitura, pense em um título para o conto.
- 2 - Lúcia estava sendo educada para ser uma boa esposa. Este era o principal valor que norteava sua criação. Em sua opinião, quais são os valores que devem ser valorizados no crescimento e educação das crianças, sejam do sexo masculino ou feminino?
- 3 - “Usar roupa curta está pedindo para ser estuprada” e “menina direita, que se valoriza, não usa esse tipo de roupa” são algumas das frases que a família de Lúcia dizia à ela. Que outras frases são utilizadas para coibir a liberdade feminina?
- 4 - Você acha que homens também sofrem com o estereótipos criados para eles?
- 5 - De acordo com o conto, o amor pelo neto fez a avó ser mais tolerante com as diferenças do padrão de sociedade. Em sua opinião, o que poderia ajudar as pessoas a superarem seus preconceitos e aceitar aqueles que são diferentes?
- 6 - Uma das dificuldades dos transexuais, além de todo o preconceito sofrido pela sociedade, é na hora de usar o banheiro. Não se sentem a vontade para usar o masculino, mas não é permitido usar o feminino. Qual poderia ser uma solução para esse impasse e possibilitar o uso do banheiro pela pessoa transexual?

Discutindo o conto

Ao ouvir o depoimento da participante da roda de conversa para iniciar a criação deste conto, o que chamou-nos a atenção, inicialmente, foi o relato de uma educação rígida durante a infância. Ao mesmo tempo em que a memória era resgatada e apresentada aos demais, nos deparávamos com essa pessoa que se mostrava bastante

despojada e “moderna”. Era o jeito de falar, as tatuagens e toda a linguagem corporal que exalava um despreendimento das convenções sociais tradicionais. Percebemos que houve uma grande mudança de pensamentos que se refletiram em atitudes. E este não é um exercício fácil. Livrar-se de preconceitos que são impregnados em nossa educação é uma tarefa diária de tolerância e respeito às diferenças. Mesmo quando pensamos estar livres de fazer pré-julgamentos, vez ou outra nos pegamos rondando concepções de intolerância. Normal. Não é de se esperar que, como um click de um botão, nos livraríamos de anos e anos de criação heteronormativa e segundo os padrões dominantes. A própria personagem revela o seu preconceito com relação à sua mãe fazer uma tatuagem aos 70 anos. Será que as pessoas não podem mais fazer tatuagem na 3ª idade, ou seria esse mais um preconceito?

Foucault (1985) nos diz que a regulamentação do sexo sempre foi interesse do Estado, da religião e das elites dominantes. Segundo o autor, o domínio sobre a população se faz através de controles positivos de sexualidade. Como as pessoas devem se comportar, com quem se relacionar, como se relacionar e toda cartilha moral teria como princípio o controle sobre o sujeito para o benefício do Estado. Já a Igreja, outra instituição que se propõe em normatizar comportamentos, volta seu olhar à sexualidade porque foi através da concupiscência que o pecado entrou no mundo, ou seja, o pecado original. Santo Agostinho escreve que ao ser convencida pela serpente, a mulher come do fruto proibido e seduz adão a fazê-lo também. Ao adquirir discernimento, percebem-se nus e se envergonham. Nessa perspectiva, o corpo adquire valor negativo, como um entrave à ascensão da alma. O ser humano tornou-se fragilizado e culpado pelo desejo, criando-se um espírito de exaltação à virgindade. O homem, vítima indefesa de uma mulher sedutora e inescrupulosa, foi levado a cometer o pecado. A mulher, responsável pela queda, passa a ser vista inferiorizada em relação ao homem. Desvalorizada, o prazer lhe é proibido. Sua função repousava unicamente na reprodução (SALLES e CECCARELLI, 2010). Daí advém o castigo feminino e a razão pelo qual ela deve servir ao seu marido. Essa era a justificativa para a submissão feminina utilizada desde muitos séculos. Segundo Gauderer (1994), as regras em torno da sexualidade foram surgindo como mitos e tabus com objetivo de estabelecer limites ao sexo. Todas as atividades que não levassem à procriação eram condenadas.

Nem todos irão concordar com esses dogmas, mas a raiz da nossa sociedade está na tradição judaico-cristã. Mesmo que não compartilhe dos mesmos princípios, a tradição já resiste há séculos. Somente nos últimos anos houve um questionamento sistemático em relação a todas as regras e interditos. A ascensão dos movimentos feministas e sua luta pela igualdade de gênero, o movimento LGBT e a luta pela reconhecimento dos direitos dos casais homossexuais e valorização das diferenças sexuais fez surgir um ambiente propício para o questionamento de tradições fundadas em padrões religiosos. No entanto, como diz Foucault (1985), a resistência é intrínseca às próprias relações de poder. Por esse motivo, tão forte quanto as discussões sobre o empoderamento feminino e a ampliação do conceito de família, é o discurso que busca o retorno às velhas tradições e aos valores da “família tradicional”. O cenário retratado é

de que toda a sociedade como conhecemos está diretamente ameaçada caso valores de tolerância às diferenças e igualdade entre os gêneros sejam aceitas pela população. Toda essa tensão entre tradicional e contemporâneo pode criar tensões e conflitos ao lidar com diferentes situações no cotidiano.

Tiba (1986) nos dá uma explicação para essa desorientação entre a concepção fechada e restritiva que é construída ao longo da infância e o discurso liberal que é aprendido na idade adulta. Para ele, a psicologização com concepções mais amplas instalou-se na superfície do cognitivo, na periferia da personalidade desses indivíduos, ao passo que a educação e os valores mais conservadores que receberam durante a infância e juventude permanecem gravados, quase intactos, numa região mais profunda de sua personalidade. Essas “camadas”, a periférica e a profunda se alteram continuamente. Quando se apresentam questões mais sérias, como é o caso da sexualidade, a camada mais profunda entra em ação e eles acabam reproduzindo discursos e copiando as mesmas atitudes que condenaram anteriormente. Segundo Suplicy (1991), a questão da sexualidade alterou-se sobremaneira nas últimas décadas, deixando pais e filhos confusos em relação às diretrizes do que é aceitável. Antigamente os valores eram extremamente demarcados, embora muitos padrões fossem baseados em preconceitos e exclusão das diferenças. Hoje, com o alargamento das discussões em torno da sexualidade, as famílias confrontam-se entre os velhos estereótipos que segregavam o diferente e os discursos atuais de tolerância e respeito. Muitas dúvidas são produzidas nesta interseção.

Um desafio para essa família retratada no conto foi a chegada de um membro transexual. Definimos a transexualidade como uma inconformidade entre o sexo biológico, ou seja, aquele que está nos cromossomos, e a identidade de gênero, ou seja, como ela enxerga à si mesma. Como essa avó poderia aceitar a neta que havia nascido num corpo de menino? Como fazê-la compreender esse aspecto da vida da neta que não estava em conformidade com sua própria criação rígida e tradicional? A resposta foi encontrada pela via do afeto, que possibilitou a construção de um novo tipo de lidar com as configurações de gênero. Novas perspectivas e relacionamentos vão surgindo a partir dessas expressões quando são colocadas às claras nas famílias.

Uma das maiores causas de depressão em jovens LGBT é a rejeição por parte dos familiares mais próximos. De igual intensidade é a força que o jovem adquire para enfrentar as adversidades e preconceitos da sociedade quando recebe o apoio, respeito e amor daqueles cujo afeto é valorizado. Segundo Arán *et al* (2008), muitos transexuais relatam uma condição de intenso sofrimento psíquico, que se manifesta de diferentes formas, entre elas a tentativas de suicídio, depressão, transtornos alimentares e angústia das mais diversas formas, que são provocado não apenas pelo conflito de não pertencer ao sexo biológico como também pelas inúmeras consequências sociais intrínsecas a esta condição. A dificuldade em encontrar emprego, os obstáculos para o convívio social, as barreiras para a mudança na identidade civil e, principalmente, a certeza de pertencer ao gênero oposto ao sexo de nascimento são alguns dos sofrimentos aos quais indivíduos transexuais relatam como desestabilizadores.

Outro aspecto que tem sido negligenciado é a presença de alunos transexuais. Segundo Bento (2008, pag. 131) “[...] há um projeto social, uma engenharia de produção de corpos normais que extrapola os muros da escola, mas que encontrará neste espaço um terreno fértil de disseminação”. É, portanto, na escola, que a sexualidade e os corpos serão normatizados de acordo com o que é padronizado pela sociedade em que está inserida. Àqueles que trazem em seus corpos a marca da “transgressão” do gênero são excluídos. Talvez a escola seja o ambiente onde a pessoa trans terá maior resistência, pois sendo um local de formação, a transgressão da sexualidade dita normal será ativamente combatida pela engenharia de produção de corpos. Tal embate será fator de sofrimento.

Como grande parte dos alunos é menor de idade, ainda não lhe é dada a autonomia para decidir sobre seu corpo. No Brasil, transexuais podem iniciar o tratamento hormonal e psicológico aos 16 anos enquanto a cirurgia de redesignação sexual é permitida a partir dos 18 anos. Os transexuais que não encontram apoio para o tratamento hormonal passam a se vestir e se comportar como de fato sentem-se em seu interior, tornando-se, inicialmente, travestis. Este é um período crítico onde o bullying e a intolerância se farão mais presentes, pois se homossexuais masculinos e/ou femininos podem manter sua identidade sexual em segredo por medo do preconceito e discriminação, as travestis trazem no corpo (e não só nele) a desconstrução e construção da identificação de gênero, sendo, então, expostas a todo e qualquer tipo de preconceito. (CAVALCANTI, 2011, p. 9).

O universo escolar das pessoas trans é marcado pela exclusão, por ações de violência e/ou descaso dessas ações por parte da instituição escolar. Violência que não se restringe apenas ao bullying praticado por outros discentes, mas também por docentes e equipe pedagógica. De acordo com Cesar (2009), umas das formas de violência é o não reconhecimento do nome social. As listas de chamada, os exames e mesmo uma simples abordagem em sala de aula fazem uso dos nomes que estão demarcados nas regras normativas do sistema corpo-sexo-gênero. O nome está intimamente relacionado à construção da subjetividade individual. Ao negar a utilização do nome social, é negada também a identidade com a qual a pessoa se identifica.

Uma investigação de Ivan Junckes e Joseli Silva concluiu que

O resgate das experiências das travestis no espaço escolar evidencia que a escola tende a reproduzir o preconceito e a discriminação presentes na sociedade brasileira em relação às sexualidades consideradas fora das normas hegemônicas. Elas revelam outra versão do significado construído sobre o espaço escolar, tradicionalmente considerado um local protegido, onde são cultivadas as regras do respeito, da cidadania, da igualdade e do acesso universal ao conhecimento (JUNCKES e SILVA, 2009, p. 164).

Infelizmente, a escola para os alunos trans não é um ambiente de tranquilidade, inclusão e socialização. Pelo contrário, a discriminação e exclusão evidenciam que,

desde cedo, esses alunos são expostos aos preconceitos presentes na sociedade. Aos que persistem e evitam a evasão escolar, há uma batalha pela auto-afirmação e aceitação de sua própria identidade. Pois em um ambiente em que todos dizem “você não pode ser assim. Você não tem direito de escolher seu nome ou seu gênero”, manter-se fiel ao que se sente é um exercício de resistência diária.

Um estudo de Alessandra Bohm constatou que eram restritos os casos de ingresso, resistência e permanência de travestis na escola em razão do *bullying* que vivenciam cotidianamente. “A escola, tal qual como se organiza e se estrutura hoje, não é para as travestis ou para qualquer outro “monstro” que fuja às normas socialmente estabelecidas” (BOHM, 2009, p. 83). E cada vez mais “monstros” estão surgindo no ambiente escolar. A escola precisa, urgentemente, repensar seu papel e abraçar a diversidade, tomando ações no sentido de diminuir, ou até mesmo zerar o sofrimento de pessoas que fogem ao padrão socialmente estabelecido. A escola deve ter, como missão, o acolhimento à diversidade e a formação de um ambiente de socialização saudável para todos, independentemente de sexo, gênero, orientação sexual, cor da pele ou credo. Uma escola livre de preconceitos possibilitará o pleno desenvolvimento das capacidades de seus alunos.

Bibliografia

ARÁN, M.; Zaidhaft, S.; Murta, D. Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 1, 2008.

Bento, B. A. de M. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense. 181 p. (Coleção Primeiros Passos). 2008.

Bohm, A. M. *Os “monstros” e a escola: identidade e escolaridade de sujeitos travestis*. 2009. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

CAVALCANTI, M. P. de H. Gênero, educação e diversidade: sociabilidade das travestis nos ambientes educacionais na cidade de Maceió/AL. In: CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 11., 2011, Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA, 2011.

CÉSAR, M. R. de A. Um nome próprio: transexuais e travestis nas escolas brasileiras. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 32. 2009, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPEd, 2009. 14 p

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 6º Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GAUDERER, C. *A vida sem receitas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

JUNCKES, I. J.; SILVA, J. M. Espaço escolar e diversidade sexual: um desafio às políticas educacionais no Brasil. *Revista de Didáticas Específicas*, Madrid, n. 1, p. 148-166, dez. 2009.

SALLES, A.C.T. da C.; CECCARELLI, P.R. A Invenção da Sexualidade. in Reverso, *Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais*. Belo Horizonte. Ano XXXII, nº 60, p.15-24, 2010.

SUPLICY, M. *Conversando sobre sexo*. 17. ed. Petrópolis: Edição da Autora, 1991. 407p.

TIBA, I. *Puberdade e adolescência: desenvolvimento biopsicossocial*. São Paulo: Ágora, 1986. 236p.

CONTO 5



ADOLESCÊNCIA E SEXTING

O sol brilhava forte naquele dia. O ar condicionado, que sempre conservara a temperatura da sala de aula precisamente em 22 °C, hoje parecia não estar fazendo seu trabalho eficientemente. O motivo, porém, não era o começo do outono e sim as discussões acaloradas que se travavam entre os alunos. Algo de incomum sucedera no dia anterior. Todos estavam muito ávidos para falar suas opiniões e seus julgamentos.

- Olha só isso aqui. Que vagabunda. Sabia que de santinha só tinha a cara. – Dizia uma aluna.

- A mim nunca enganou. Sempre soube. – Disse um aluno.

Falavam de Julia, uma aluna tímida que acabara de entrar no colégio para cursar o 6 ° ano. Era dedicada nos seus estudos e ainda não havia feito muitos amigos. Todos pareciam se conhecer muito bem naquela turma, apesar da maioria ter se conhecido há poucos meses. Julia, contudo, não fazia amizades com facilidade. Mariana era a única com quem conversava frequentemente.

De mão em mão o celular era passado, seguidos de suspiros e bocas abertas que externavam a reação de cada um. Não tardou para que toda a classe visse o conteúdo projetado naquela pequena tela de 4.7 polegadas. Todos, menos a própria Julia, que sempre sentava-se na primeira fileira e não dava muita bola para a conversa dos colegas. Mariana sentiu-se mal pela amiga. Não sabia como ela iria reagir aos comentários maldosos e olhares de julgamento. O sinal do intervalo tocou e todos se apressaram para o pátio da escola.

- Julia, vem aqui, me deixa falar contigo. – Apressou-se Mariana.

- Oi! Claro! Pode falar. – Respondeu Julia.

Um aluno passou ao lado das duas e, fingindo uma tosse, exclamou: - Vagabunda! - Julia fez que nem percebeu, mas achou estranho.

- Julia, eu preciso falar uma coisa com você, mas não sei como vai reagir. Eu to morrendo de vergonha. Mas acho que se eu não falar vai ser pior. E tem a ver com você.

- Nossa! Estou ficando assustada. Conte-me logo.

- Eu vou falar de uma vez então. Está circulando uma foto sua.

- Uma foto minha? Como assim, não entendi. O que tem essa foto? Por que você está tão preocupada?

- Julia, não é qualquer foto. Não sei se você está me entendendo. Eu to morrendo de vergonha. Não me faça falar, por favor.

Julia imediatamente entendeu o que a amiga estava tentando lhe dizer. Um vazio profundo se formou em seu corpo e sentiu-se afundando num buraco de lama. Não conseguia se mover. Seu coração parecia querer acordá-la, pois sentia sua pulsação em todas as partes do corpo, principalmente na boca. Não conseguia acreditar no que estava acontecendo. De repente os risos e olhares da turma fizeram sentido.

- Julia? Você está bem? Fala alguma coisa! – Dizia Mariana, preocupada pelo estado catatônico no qual se encontrava a amiga.

- Eu, eu...Como assim? Não. Não. Não pode ser verdade. Deve ser outra pessoa. Ele não! Jamais faria isso comigo. Jamais!

- Julia, o que houve? Você entendeu o que está acontecendo?

- Eu acho que entendi. Mas como é possível?

- Isso é você quem tem que responder. Por acaso andou conversando com alguém da turma pela internet?

- Sim. O Marcos. Mas ele não faria isso. Eu tenho certeza.

- Vocês andam conversando há muito tempo?

- Ah, desde o começo das aulas. Mas ele gosta de mim, eu sei que gosta. Eu gosto dele também. Nós nos falamos sempre pela internet.

- E como eu nunca vi vocês conversando aqui na escola?

- Ah, também não sei. Ele diz que é por conta dos amigos. Mas eu não ligo.

- E como essa foto foi parar no celular dele?

- Semana passada ele me mandou uma mensagem dizendo que gostava de mim e queria saber se eu gostava dele também. Eu nunca falei pra ninguém, mas eu gosto muito dele. Desde que o vi pela primeira vez na escola. Daí ele me pediu uma nude.

- Uma o que?!

- Uma nude. Sabe...Uma foto nua. Disse que se eu não mandasse então era porque eu não gostava dele e que iria parar de conversar comigo. É claro que eu não mandei. Fiquei com muita vergonha. Ele disse que nunca mais falaria comigo.

- Mas então como aquela foto foi parar no celular do pessoal?

- Depois desse dia ele não quis mais falar comigo. Eu mandava mensagem, ele visualizava, mas não respondia. Daí eu liguei, mas ele foi super seco e nem queria falar nada comigo. Eu fiquei péssima. Eu gostava tanto dele. Nós nos falávamos todo dia. Sempre que iria dormir ficávamos horas conversando. Eu sei que ele gosta de mim tanto quanto eu gosto dele. E estava tudo tão perfeito antes. Tudo que eu queria era que as coisas voltassem a ser como era.

- Já entendi. Você foi lá e mandou a foto pra ele.

- Sim. –Julia confessava, sem querer acreditar que o menino que ela gostava havia vazado a foto.

- Olha, amiga. Eu acho que é melhor você ir à sala da direção ou procurar algum professor, porque a turma toda já viu a foto. E eu acho que talvez a escola toda tenha visto também.

- Não. Não. Deixa pra lá. Vai ser pior se eu for lá.

- Você que sabe. Mas fica calma. Eu estou do seu lado, ok?!

O recreio terminou e os alunos voltaram para a sala de aula. Imediatamente todos os olhares se voltaram para Julia. E agora ela sabia do que se tratava. Desejava ter a capa da invisibilidade, ou simplesmente desaparecer, mas era impossível fugir daquele constrangimento. Uma roda se formou ao seu redor.

- E aí, Julia. Playboy está te pagando quanto? – Disse Fred.

- Nossa, com essa carinha de bozinha, nem parece que é safadinha. – Disse Amanda.

- Não sei como tem coragem de aparecer na escola. – Dizia Lorena.

- Não sei porque está todo mundo espantado. Garota seca, sem peito nem nada. Eu sou muito mais bonita que essa aí. – Dizia Daiane.

Ao fundo, Marcos e seus colegas riam das ofensas que Julia sofria. E quem mais ofendia eram as próprias meninas. Elas pareciam muito mais incomodadas com a nudez de Julia que os meninos. E não pegavam leve nas acusações.

- Tão novinha e já piranha. Impressionante. – Disse Sophia.

- Libera pra nós também. – Disse João.

Em todas as ofensas, Julia permanecia parada, olhando fixamente para seu caderno. Mariana, que não aguentava mais ouvir aquilo, se levantou para defender a amiga.

- Vocês não cansam de ser babacas não? Deixem a garota em paz. Nada a ver isso que vocês estão falando.

- Ih, olha lá! Está defendendo? Deve ser piranha também. Pronto. Agora são duas. – Disparou Sophia.

- Piranha é você, garota. Vê se te enxerga.

- Aposto que se pedirem uma foto tua, você dá. Se está defendendo é porque faz igual. – Disse Fred.

- Com certeza. Libera aí Mariana. - Disse João.

- Eu não vou nem te responder o que você merece, João. Alias vocês não merecem resposta. São todos uns babacas.

O professor entra em sala de aula. Vê aquela bagunça e pergunta.

- O que está acontecendo aqui? Por que vocês estão discutindo?

- Professor, a gente descobriu que tem duas piranhas na sala de aula. Uma que mandou foto pelada e a outra que defende a colega. - Respondeu Daiane.

- Hey hey hey. Pode parar. Vamos respeitar os colegas. Isso não é jeito de falar.

- Mas é verdade, professor. As safadinhas estão aí na frente. Pergunta pra elas. - Disse Sophia.

- Parou agora! Não quero ouvir vocês falando assim de ninguém. Que palavras feias. Não consigo acreditar que vocês no 6º ano conseguem ofender tanto os colegas. Usam essas palavras chulas, de mau gosto. Eu estou espantado com vocês. Melhor parar ou vou ter mandar conversar lá na direção. E vou chamar os pais de vocês também.

Mariana viu que Julia não estava bem. Ofegante e com lágrimas nos olhos, tentava segurar o choro. Imediatamente inventou uma desculpa e tirou a amiga de sala.

- Professor, a diretora pediu pra eu e Julia irmos lá à direção depois do recreio. A gente pode ir agora?

- Podem ir. Mas voltem logo. Nada de ficar passeando pelos corredores.

As duas se levantam e na mesma hora o burburinho volta à sala de aula. As mais variadas ofensas às duas. Palavras que nem mesmo o professor sabia que eles eram capazes de falar.

- Quietos! Ou vou mandar todo mundo pra direção!

E assim, as duas foram conversar com a diretora. Lá contaram tudo que havia acontecido em sala de aula e como a foto foi parar no celular de todos do colégio. Imediatamente chamou a coordenadora para decidir o que seria feito. Mariana pediu para que as duas fossem liberadas e a diretora consentiu, mas pediu que os responsáveis de Julia fossem à escola no dia seguinte.

Mariana não conseguia tirar aquela história da cabeça. Não se conformava em como a turma estava julgando sua amiga por ter sua foto vazada na internet. Para ela, Julia era a principal vítima e não merecia aquele tratamento. Não se importava muito com o que estavam falando dela mesma por ter defendido a amiga, mas não conseguia entender como os colegas conseguiam ser tão maldosos. Ao chegar a casa, contou tudo para sua mãe, numa esperança de obter apoio à sua atitude.

- Então foi isso que aconteceu, mãe. Você me entende, não é? Um absurdo o que estão fazendo com ela!

- Absurdo é o que essa garota fez. Deve ser dessas meninas fáceis que engravidam antes dos 18 anos. Olha Mariana, você trate de se afastar dessa garota! Não quero nem saber de você distribuindo foto pelada por ai. Se eu pego você fazendo isso, te dou uma surra einh!

- Que isso mãe! Nada a ver. A Julia é uma menina legal. Super estudiosa. Ela que é a vítima nessa situação toda. O menino que vazou a foto dela que tem que responder por isso.

- Essas garotas de hoje em dia são assim mesmo, minha filha. Na escola fingem que são boazinhas, mas a verdade sempre vem à tona. Essa ai deve enganar até aos pais, coitados. Olha, mariana, seu eu sonhar que você esta andando com esse tipo de gente, vai ficar feio pra você. Estou logo lhe avisando. É melhor nem contar nada pro seu pai. Se ele souber que você está do lado dessa garota, capaz de lhe dar uma surra. Deixa isso quieto que é o melhor que você faz. Num se mete nisso não e deixa essa garota pra lá.

Mariana não entendia como a mãe era capaz de não se solidarizar com Julia. Parecia que o mundo havia enlouquecido. Será que ninguém consegue enxergar quem era a verdadeira vítima nessa história?!

No dia seguinte, os pais de Julia compareceram à escola. Na reunião estava a diretora, a coordenadora e os pais de Julia. Apesar de a menina ter contato para quem a foto havia sido enviada, ninguém se preocupou em chamar a família do menino que vazou a imagem.

- Bom, vocês já estão a par do que aconteceu com a Julia? – Começou a diretora.

- Sim, estamos. Nossa filha nos contou o absurdo que esse garoto fez ao espalhar uma foto dela sem sua autorização. O que a gente quer saber é o que a escola irá fazer com o garoto que fez isso? – Respondeu Carlos, pai de Julia.

- Eu entendo a sua preocupação, mas a situação é um pouco mais complexa, senhor. Foi a sua filha que supostamente enviou a foto para o menino. Devemos pensar, primeiramente, que foi essa atitude dela que iniciou todo esse problema. – Argumentou a coordenadora.

- Ela jamais deveria ter enviado tal foto. Nisso estamos de acordo. Tivemos uma conversa muito séria em casa e ela está muito arrependida. Apesar de estarmos muito decepcionados com nossa filha, não podemos esquecer quem é a vítima nessa história. Nossa filha está psicologicamente abalada. Ontem, ao chegar em casa, mal conseguia falar de tanto chorar. O que ela nos contou sobre o que aconteceu em sala de aula nos deixou revoltados. Eu espero que a escola tome uma atitude séria em relação a isso. – Disse Letícia, mãe de Julia.

- Bom, eu tenho certeza de que nada disso teria acontecido caso essa foto não existisse em primeiro lugar. – Responde a coordenadora.

- A senhora está insinuando que tudo isso é culpa da nossa filha? – Responde Carlos.

- Não quero ser indelicada, mas sua filha se colocou nessa situação. – Intervém a diretora.

- Eu não estou acreditando no que estou ouvindo. – Responde Letícia.

- Não devemos passar a mão na cabeça da Julia. Ela cometeu um erro. Isso é fato.

- Um erro induzido pela conduta de um garoto. Imagino que ele tenha premeditado toda essa situação. Ou vocês pensam que a Julia simplesmente enviou a foto do nada, sem que esse tal de Marcos tenha pedido previamente?

- Eu não posso afirmar nada. Talvez ela estivesse interessada nele e quis provocá-lo.

- Eu não estou ouvindo isso. Só pode ser brincadeira! Eu não tenho mais o que conversar aqui. Não consigo acreditar que a diretora e a coordenadora dessa escola caríssima tenham esse tipo de pensamento. – Afirmou Letícia.

- Eu sei que na visão de vocês, a Julia é a vítima dessa situação, mas temos que pensar na parcela de culpa que ela teve. – Responde a coordenadora.

- O que vocês terão de pensar é como se defender do processo que iremos mover contra essa escola. Eu não tenho mais nada o que conversar aqui. Vamos embora, querida. – Finalizando a conversa, Carlos e Letícia saem da sala da diretora certos que de a escola não fará nada contra as pessoas que ofenderam a filha. Muito menos contra o menino que divulgou sua foto.

Na sala de aula, todos comentavam o assunto. Marcos estava satisfeito por não ter sido chamado para conversar. Sentia-se seguro no que havia feito. Sempre fora um menino que conseguia convencer a todos. E após o episódio, tornou-se um dos garotos mais populares da escola. Por outro lado, Mariana que havia se levantado para defender a amiga, agora sofria as mesmas ofensas de Julia. A sala de aula havia se convertido em um campo de batalha. E todos pareciam estar contra Julia e Mariana.

Após uma semana de o fato ter ocorrido, Julia fora transferida de escola. Não conseguia mais frequentar aquela sala de aula, onde as línguas afiadas se apressavam para proferir todos os tipos de ofensas. Seus pais, muito preocupados com sua saúde mental, levaram-na ao psicólogo para que pudesse recuperar sua auto-estima e a vontade de se relacionar com outras pessoas. Aquele episódio havia marcado profundamente a vida daquela menina que acabara de entrar na adolescência e já sofria sua primeira desilusão. Certo de que a escola não tomaria nenhuma atitude contra o responsável por vazar a foto da filha, Letícia e Carlos decidiram fazer uma queixa criminal contra os responsáveis de Marcos.

Alguns meses se passaram e Marcos continuava como o rei da turma. Apesar do processo contra seus pais estar andando, não se importava muito com esses detalhes. Seu castigo foi ficar sem videogame e sem internet por um mês, que virou uma semana após seus apelos dramáticos. Mariana já não era mais verbalmente ofendida, mas ficou com fama de garota fácil. E sentia falta de Julia, que estava em outra escola, longe da escola anterior e longe das pessoas que tanto fizeram mal a ela. A escola não chamou os responsáveis do Marcos, nem fez qualquer reunião específica sobre o assunto com os responsáveis dos alunos que ofenderam Julia. O caso passou pela direção e desapareceu como se nunca houvesse acontecido.

Para saber mais

Sexting: entendendo sua condição de emergência.

Autores: Suzana da Conceição de Barros, Paula Regina Costa Ribeiro & Raquel Pereira Quadrado.

CEP em *Selfie*: Abordando *Sexting* com Adolescentes como Forma de Exposição Virtual da Sexualidade.

Autores: Leonardo das Neves Leal et al.

Questões para reflexão

- 1 - O conto põe em cheque um comportamento que tem crescido entre os jovens. O termo “sexting” surgiu para caracterizar essa troca de mensagens contendo imagens ou vídeos de conteúdo erótico. Em sua opinião, quem é a verdadeira vítima da história: Julia, que mandou a foto, ou Marcos, que compartilhou seu conteúdo?
- 2 - O que você pensa sobre o sexting? Já praticou ou praticaria?
- 3 - Você concorda com a atitude de Mariana ao defender a amiga? Por quê?
- 4 - O que você achou da atitude da escola com relação ao episódio?
- 5 - O que poderia ter sido feito pela escola numa situação dessas?
- 6 - A mãe de Mariana disse para sua filha parar de andar com Julia e não contou sobre o fato ao marido. Você concorda com essa atitude? O que você faria numa situação dessas?

Discutindo o conto

Este conto foi elaborado com base em um depoimento real de uma professora, relatando o que estava se passando com sua irmã pequena. Alguns trechos parecem demasiadamente fortes, como as ofensas proferidas pelos colegas de turma e a reação da escola diante do fato. No entanto, essas passagens foram escritas tal qual fora relatado, sendo, inclusive, motivo de surpresa e espanto para os outros integrantes do evento.

O Texto chama atenção para um comportamento cada vez mais comum entre os jovens: o *sexting*. Formado pelas palavras inglesas *sex* (sexo) e *texting* (traduzido livremente como conversas por mensagens via aparelho celular), o nome vem definir as trocas de mensagens, fotos e vídeos com conteúdo sexual, podendo conter nudez com intuito de provocar sexualmente o (a) parceiro (a) (LENHART, 2009; AGUSTINAS, GOMEZ-DURAN, 2012; BARROS, 2014).

Para os nativos tecnológicos, as facilidades de acesso à rede mundial de computadores aliada a facilidade do registro fotográfico, têm provocado uma relação de

instantaneidade do presente e da expressão do sujeito com outros indivíduos. Segundo Cordova e Jesus (2015), as mudanças sociais e tecnológicas modificaram as relações entre os sujeitos e as fotografias, assim como o conceito de privacidade. Sendo a sexualidade uma das identidades de maior expressão, podemos dizer que a tecnologia também tem afetado o modo como as relações são construídas. O compartilhamento de mensagens, imagens eróticas e vídeos por meio do celular e outras plataformas emerge como uma nova possibilidade de vivenciar experiências e intimidades com o (a) parceiro (a). O namoro virtual é, na contemporaneidade, uma nova forma de relacionamento.

É fundamental entender o papel dos aparelhos celulares na vida sexual de adolescentes e jovens adultos, uma vez que a comunicação por mensagens de texto ocupa um papel de destaque nesse processo (LENHART, 2009). O autor diz ainda que jovens mais dependentes do celular são os mais prováveis de enviar ou receber imagens e mensagens sexualmente sugestivas. A dinâmica do *sexting* varia. Pode fazer parte do cotidiano de um casal, pode ser uma preparação para aqueles que ainda estão se descobrindo e ainda não tiveram sua primeira relação sexual ou ainda como uma forma de aproximação e sedução de um (a) parceiro (a) sexual (LEAL *et al.*, 2017).

Nos dias atuais, em que selfies são instantaneamente compartilhadas, as fronteiras entre a vida pública e privada se tornam imprecisas. Segundo Thompson (2012) o público pode ser definido como aquilo que tem como objetivo original ser visível e observável por todos, aberto aos vários olhares, enquanto o privado tem como objetivo manter-se reservado ou escondido dos outros, sendo executado em segredo ou com o conhecimento de poucas pessoas. Ainda que imagens eróticas sejam compartilhadas diretamente a alguém por meio da internet, o objetivo principal é a manutenção do caráter privado. A exposição do conteúdo do *sexting* fora do contexto original é considerada uma violação dos direitos individuais, prevista em várias leis e, como no caso mencionado na roda de conversa trata-se de uma criança, há ainda a proteção do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA).

De acordo com a Lei 8.069 de 13 de julho de 1990, que dispõe do ECA, a criança é definida como pessoa até doze anos de idade incompletos e o adolescente entre doze e dezoito anos. O artigo 17 da referida lei prevê o direito “(...) a inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais” (BRASIL, lei 8.069/1990, art. 17, p. 3). Há ainda a lei 11.829 de 2008, que aprimora o combate à produção, à venda e à distribuição de pornografia infantil, bem como criminaliza a aquisição e a posse de tal material e outras condutas relacionadas à pedofilia na internet. Há também a lei 12.737/2012 conhecida como Lei Carolina Dieckmann, que tipifica os crimes cibernéticos. A lei recebeu esse nome após a atriz ter seu e-mail invadido e fotos íntimas divulgadas na internet.

Um estudo de Leal (LEAL *et al*, 2017) com alunos do ensino fundamental e seus responsáveis evidenciou que, na opinião da maioria dos participantes, a vítima era culpada por ter sua imagem vazada. O próprio termo “vítima” para quem havia sido exposto foi contestado. Para os adolescentes, quem envia suas fotos pela internet sabe das consequências e, por isso, contribui de alguma forma para ter sua imagem divulgada. Lenhart (2009) apontou que os adolescentes consideram as imagens oriundas de *sexting* como inapropriadas, em especial quando se trata de meninas e, por isso, julgam aquelas que são exibidas nelas. Por mais espantoso que seja, culpar a vítima pela exposição tem sido a atitude mais comum.

Contudo, a culpabilização da vítima quando é do sexo feminino não surge como uma surpresa e apenas reflete a assimetria das relações de poder entre os gêneros. Tradicionalmente, às mulheres, cabe o papel da castidade até a idade adulta, reservadas apenas aos seus maridos. Pensar na sexualidade feminina fora de um relacionamento heterossexual monogâmico e estável ainda é visto como uma transgressão, uma imoralidade. Já os homens, a sua masculinidade é posta à prova se ele não iniciar sua vida sexual precocemente, de preferência com várias parceiras diferentes (TAQUETTE, 2008). Este comportamento remonta séculos de opressão da sexualidade feminina mediante o estímulo à sexualidade masculina. A castidade feminina tem sido diretamente ligada à defesa da família tradicional. É uma conduta tão fortemente arraigada na sociedade ocidental que se tornou senso comum, dificultando a quebra deste paradigma.

A reação dos responsáveis pela direção e coordenação educacional da escola foi algo que também nos chamou à atenção. A escola, como um ambiente de formação de cidadãos, não apenas como um local de transmissão de saberes científicos historicamente acumulados, deve se preparar e pensar com muita cautela na reação às situações adversas como a apresentada no conto. Do ponto de vista legal, vimos a existência de leis que asseguram a preservação da imagem da menor exposta. Contudo, a escola parece ignorar o julgamento moral que se faz numa situação dessas. Ao convocar apenas a família da menina, corrobora-se a mensagem de que a aluna foi responsável pela sua própria exposição indevida, enquanto o menino apenas reagiu ao que era esperado para um homem. Infelizmente, condutas como essa apenas reforçam os estereótipos de gênero e causa uma dupla dor, a de ter sua intimidade exposta e do julgamento moral.

Sayão (1997) chama atenção de que, muitas vezes, os educadores e todo o corpo escolar são visto como modelos em seus atos, coletivos ou individuais. Contudo, não podemos esquecer que a escola é feita de pessoas que foram criadas e estão vivendo sob as mesmas influências da sociedade. Ou seja, por mais que os profissionais no corpo escolar tenham se preparado para desempenhar suas funções no âmbito educativo, quando vêm à tona temas de sensível repercussão, como é a sexualidade, os esquemas mentais aprendidos ao longo da vivência em coletividade são privilegiados em detrimento da visão mais polivalente e emancipatória. Devemos, pois, fazer um esforço de coragem e vigilância para que possamos nos desnudar dos interditos, das doutrinas e

dos preconceitos. Despir-se das velhas concepções de sexualidade, arraigadas tão profundamente em nosso subconsciente, não é tarefa simples, nem tampouco sereno e muito menos estável. É um processo diário, um exercício de reflexão contínuo que não devemos nunca abandonar.

A *sexting* pode ser descrita como o exercício da sexualidade modificado pelas novas tecnologias. Não podemos deixar de informar aos jovens sobre o alcance e a falta de controle sobre vídeos e imagens compartilhadas na web. A aquisição de uma consciência em torno da sexualidade deve ser multidisciplinar e, portanto, ampla, de forma que as várias maneiras de expressar a sexualidade na contemporaneidade sejam racionais, inteligentes e acima de tudo, responsáveis.

Bibliografia

AGUSTINA, J. R.; GÓMEZ-DURÁN, E. L. Sexting: Research criteria of a globalized social phenomenon. **Archives of sexual behavior**, Nova Iorque, Vol. 41. p. 1325–1328, out 2012. Disponível em < <http://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10508-012-0038-0> > Acessado em: 05 jun. 2018.

BARROS, S. C; RIBEIRO, P. R. C; QUADRADO, R. Q. Sexting: a espetacularização da sexualidade. *Educação: Teoria e Prática*, Rio Claro, v.24, n.45, p. 197-215, 2014.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 16 jul. 1990.

CÓRDOVA, A.; JESUS, P. H. M. Selfie, Uma Expressão da Subjetividade. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO OESTE, 17; 2015, Mato Grosso do Sul. **Anais...** Campo Grande: UFSM, 2015. p. 1-14. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2015/resumos/R46-0491-1.pdf> > Acesso em: 05 jun. 2018.

LEAL, L. N., Rodrigues, G. S., da Silveira, I. D., Amaro, T. V., Santos, D. B., & dos Santos Paludo, S. CEP em Selfie: abordando sexting com adolescentes como forma de exposição virtual da sexualidade. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 3, n. 1, 2017.

LENHART, A. Teens and Sexting: How and why minor teens are sending sexually suggestive nude or nearly nude images via text messaging. **Millennials**, Washington, D.C., dez. 2009. Disponível em: < http://www.ncdsv.org/images/pewinternet_teensandsexting_12-2009.pdf >. Acessado em: 05 jun. 2018.

SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, p. 107-117, 1997.

TAQUETTE, S. R. Sexualidade na Adolescência. In: MINISTÉRIO DA SAÚDE (Org). **Saúde do Adolescente: competências e habilidades**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008. p205-212.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 12. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os alunos e alunas com qual tive a honra de compartilhar momentos de aprendizado. Vocês nos desafiam, nos questionam, nos fazem refletir mais do que possam imaginar. Ajudam-nos a aumentar nossa sensibilidade a problemas que não estão tão próximos e assim amplia-se o mundo, não só de vocês, mas também o dos professores.

Agradeço ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), por proporcionar um caminho possível para aprofundar minha pesquisa e buscar respostas às minhas inquietações.

À Maylta Brandão dos Anjos, orientadora da minha pesquisa de mestrado que culminou na produção desse livro. Sua humanidade trouxe uma dimensão muito mais carinhosa e serena para lidar com a sexualidade, essa temática tão ampla e de difícil abordagem. Suas palavras de afeto e incentivo foram precisas na condução da pesquisa.

Aos participantes da roda de conversa “Debatendo Sexualidade na Escola”, que doaram seu tempo para compartilhar, tão bravamente, suas histórias, opiniões e concepções que formaram a matéria-prima para a confecção desse livro.

Ao Espaço Ciência Viva, em Mesquita, por permitir a realização da roda de conversa.

Aos professores que abraçam essa profissão e inspiram milhares de jovens dia após dia. Por vezes vemos o fruto da semente que plantamos na educação, mas na maioria das vezes, o trabalho do professor é como o velho ditado árabe que diz “Quem planta tâmaras, não colhe tâmaras!” Antigamente, as tamareiras levavam de 80 a 100 anos pra produzir os primeiros frutos e, por isso, o semeador não colhia os frutos de sua semeadura. Mas se ninguém se dispuser a semear tâmaras, ninguém nunca iria colhê-las.